

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARISTÓTELES CALAZANS SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ANA CLARA MARTINS MIRANDA

**Associação Cultural Zumbi: formação e atuação do Movimento Social Negro em
Alagoas no processo de tombamento da Serra da Barriga (1980-1985)**

MACEIÓ-AL

2024

ANA CLARA MARTINS MIRANDA

**Associação Cultural Zumbi: formação e atuação do Movimento Social Negro em
Alagoas no processo de tombamento da Serra da Barriga (1980-1985)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de história da Universidade Federal
de Alagoas, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em história.

Orientador: Danilo Luiz Marques

MACEIÓ-AL

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M672a Miranda, Ana Clara Martins.
 Associação Cultural Zumbi : formação e atuação do Movimento Social Negro
 em Alagoas no processo de tombamento da Serra da Barriga (1980-1985) / Ana
 Clara Martins Miranda. – 2024.
 61 f. : il.

Orientador: Danilo Luiz Marques.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : licenciatura)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 56-59.
Anexos: f. 60-61.

1. Movimento Negro Unificado (Brasil). 2. Associação Cultural Zumbi (Maceió,
AL). 3. Serra da Barriga (União dos Palmares, AL). 4. Tombamento (Patrimônio). I.
Título.

CDU: 94(813.5)(=414)

Folha de aprovação

ANA CLARA MARTINS MIRANDA

Associação Cultural Zumbi: formação e atuação do Movimento Social Negro em Alagoas no processo de tombamento da Serra da Barriga (1980-1985)

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de licenciatura em história da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 07 de dezembro de 2024.

(Orientador(a) - Dr. Danilo Luiz Marques)

Banca examinadora:

Examinador(a) interno(a) -Willian Robson Soares Lucindo

Examinador(a) Interno(a) - Flávia Maria de Carvalho

**À minha família: a que nasci e a que tenho
construído.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço às instituições que financiaram minha participação em pesquisas de iniciação científica e projetos de extensão, bem como à FAPEAL e à CAPES. Agradeço também às políticas de ações afirmativas, conquistas resultantes das reivindicações dos movimentos sociais, que possibilitaram meu ingresso e minha permanência na Universidade Federal de Alagoas.

Agradeço ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFAL, do qual fiz parte durante quase toda a minha graduação, um espaço que me proporcionou o desenvolvimento de habilidades e afetos. Aos coordenadores e aos meus colegas "neabinhos" — Pedro, Tâmara, Ewelyn, J.T., Laianirsson, Nicolas, Jessika e Larissa —, pelas figurinhas trocadas, pelas cervejas e pelos afetos, minha gratidão por tudo. Ao coordenador geral, Danilo Marques, professor que orientou minhas pesquisas, me apresentou Maceió, acreditou em mim e se tornou um grande amigo, minha eterna gratidão.

Aos meus professores do curso de história, que foram fundamentais para minha formação docente: Willian, Anderson, Elias, Ana Paula Santana, Irineia e tantos outros, vocês deixaram marcas significativas no meu aprendizado. Em especial, destaco a professora Flávia, sempre solícita e amorosa. Muito obrigada pela amizade e pelo apoio!

Agradeço a toda a minha família, especialmente aos meus pais, Stefania e Alvaro, que sempre fizeram de tudo para que eu tivesse o necessário para ser feliz, e que, com muita abdicção, me ensinaram sobre trabalho, amor e humildade. Vocês são o que tenho de mais precioso. Agradeço aos meus irmãos, Ana Carolina e Netinho, que me inspiram e me enchem de felicidade e orgulho. À minha voinha Lauria, que nunca saiu do meu lado, que reza por mim todos os dias e que é meu exemplo de amor e felicidade, eu jamais conseguiria sem vocês!

Minha gratidão eterna ao meu companheiro, Ivson, que esteve ao meu lado nos melhores e nos piores momentos desta graduação, que tornou todo esse processo muito mais leve e feliz, que nunca soltou minha mão e acreditou em mim mais do que eu mesma, sem você, isso não seria possível. Agradeço imensamente à minha sogra, Aline, e a Léo, que procuraram casa conosco tarde da noite em Maceió, que nos acompanharam nas primeiras viagens e sempre estiveram à disposição. E à dona Nilda, por todo o afeto, minha gratidão. Vocês são presentes valiosos em minha vida.

Aos meus amigos, especialmente Paolla, Duda e Jacques, que, mesmo de longe, se fizeram presentes em tantos momentos. À minha grande amiga, Elaine, que se tornou família

em tantos momentos, que chegou trazendo amor e muita alegria, que dividiu comigo muitos ônibus, angústias e felicidades, e que me ajudou nos momentos mais difíceis. Sua amizade foi um dos presentes que Maceió me deu. Agradeço também, à minha amiga e colega de classe Maria Fernanda, que especialmente nesse reta final, se fez apoio.

Aos meus colegas de trabalho da SEDUC-AL, que sempre foram muito afetuosos comigo, especialmente: Zezito, Irani, Sandrinha, Alexandre, Drica e Ivan. Ao meu chefe direto, Ricardo Alves, com quem aprendi muito, pela compreensão e pela oportunidade de fazer parte de sua equipe, minha gratidão.

Por fim, agradeço a Deus, a Nossa Senhora e aos Orixás. Minha fé me sustentou quando era tudo o que eu tinha. Aos meus anjos, minha avó Malu e minhas bisas Lia e Edite, minha eterna lembrança. Voinha Malu, com certeza, estamparia esse diploma em sua sala. A saudade é uma companhia diária que se dissipa pela certeza de que sua presença me acompanha em cada passo que dou. Obrigada por tudo! Vocês vivem em mim!

RESUMO

A Associação Cultural Zumbi, grupo composto por alagoanos e alagoanas, participou de uma mobilização executada pelo Movimento Social Negro que obteve repercussão nacional. Tal contexto se desenvolveu durante o período de redemocratização; entretanto, ainda foi atingido pelas mazelas da ditadura civil-militar. Os que integravam o movimento precisaram atuar e disputar os interesses do povo negro no tombamento da Serra da Barriga, já que as elites políticas e intelectuais tinham intenções que não os representavam. Dessa forma, Alagoas foi palco de reuniões e de articulação do Movimento Social Negro, onde desembocavam as suas tensões e tendências.

Palavras-chave: Movimento Negro; Associação Cultural Zumbi; Tombamento da Serra da Barriga.

ABSTRACT

The Associação Cultural Zumbi, a group composed of men and women from Alagoas, participated in a mobilization organized by the Black Social Movement, which gained national attention. This context unfolded during the period of re-democratization; however, it was still affected by the hardships of the civil-military dictatorship. Members of the movement had to take action and advocate for the interests of the Black community regarding the heritage designation of Serra da Barriga, as the political and intellectual elites pursued goals that did not represent them. In this way, Alagoas became a stage for meetings and articulations of the Black Social Movement, where its tensions and tendencies converged.

Keywords: Black Movement; Associação Cultural Zumbi; Heritage Designation of Serra da Barriga.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACZ- Associação Cultural Zumbi.

MN- Movimento Negro.

NEABI- Núcleo de Estudos Afrobrasileiro e indígenas

UFAL- Universidade Federal de Alagoas.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. Movimento negro contemporâneo e a Associação Cultural Zumbi.....	17
2.1 As influências do Movimento Social Negro Contemporâneo sob a criação da Associação Cultural Zumbi.....	17
2.2 As problemáticas historiográficas nos projetos de tombamento da Serra da Barriga.....	25
3. Associação Cultural Zumbi: é um movimento político?.....	31
3.1 Associação Cultural Zumbi, liberdade e democracia racial.....	31
4. O Quilombo dos Palmares e a Serra da Barriga: uma história em disputa.....	41
4.1 O Projeto União.....	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6. REFERÊNCIAS:.....	56
7. ANEXOS.....	60

1. Introdução

A população africana e seus descendentes no Brasil resistem às violências oriundas da escravidão desde sua chegada no século XVI. Durante e após o processo de abolição da escravidão, essa população redimensionou e reconfigurou de maneira contínua suas formas de resistências a fim de lutar por direitos. Dessa forma, o Movimento Social Negro construiu uma longa história de reivindicações que culminaram em muitas conquistas e pavimentaram os caminhos para a implementação de políticas de ações afirmativas.

Ainda sobre o que diz respeito ao aspecto supracitado, durante o ano de 2022 tive a oportunidade de pesquisar acerca do referido movimento no plano de trabalho intitulado: “Histórias Do Movimento Negro Em Alagoas (1980-2020)”, orientado pelo professor Dr. Danilo Luiz Marques. Nesse sentido, foi a partir desse Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) que meus interesses se voltaram para a temática discutida nesta monografia.

Compreendo Movimento Negro (doravante MN) segundo a perspectiva de Nilma Lino Gomes (2017), que o define como toda mobilização antirracista, seja ela de cunho cultural, político, literário ou religioso. Na mesma perspectiva, Joel Rufino dos Santos (1994, p. 157) aponta algumas dessas mobilizações antirracistas que funcionam como mecanismos de resistência do MN, tais terreiros de Candomblé, clubes associativistas de negros, grupos de capoeiras, centros de pesquisas voltados para a questão negra, quilombamentos, mobilizações políticas e etc. (1994, p. 157).

Em palestra concedida em 1988,¹ o professor e ativista do MN de Alagoas Zezito de Araújo conceitua MN como um conjunto de entidades e ações organizadas na luta contra o racismo, bem como todo o conjunto estratégico de sobrevivência e dinâmica cultural do negro no Brasil. (Araújo, 1998, n.p).

A partir dessas considerações iniciais, aponto que um dos objetivos desta pesquisa é estudar o Movimento Negro Alagoano a partir de 1980, tendo como marco inicial a criação da Associação Cultural Zumbi (ACZ), que foi organizada por um grupo de militantes negros que tiveram uma atuação de repercussão nacional. Nesse sentido, busco, ainda, compreender e historicizar as tensões que envolveram o processo de tombamento da Serra da Barriga, um dos locais de destaque da história do Quilombo dos Palmares, refletindo acerca das influências

¹ Acervo NEABI/UFAL (áudio em fita K7). Palestra do professor Zezito de Araújo na Universidade Estadual Paulista, 1988.

historiográficas na construção dos projetos, bem como sobre o contexto político em que se davam essas discussões.

Para isso, o *corpus* deste estudo se constitui de fontes disponíveis no acervo físico do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígenas da Universidade Federal de Alagoas. Entre as fontes estão áudios, entrevistas, palestras concedidas pelos integrantes da ACZ e alguns documentos e imagens referentes ao período trabalhado, a saber (1970 a 1980). O atual NEABI-UFAL foi criado em 1980, inicialmente chamado de Centro de Estudos Afro-Brasileiros (CEAB), e possui vasta documentação em seu acervo físico. Nesse sentido, para a constituição do *corpus* deste estudo, foram utilizados jornais que publicaram matérias acerca da temática para compreender a repercussão dos eventos que ocorrem em Alagoas, bem como para identificar a participação dos integrantes.

Para analisar os áudios e entrevistas que a historiografia considera “fontes orais”, foi necessário seguir um percurso metodológico. Por isso, o trabalho de transcrição foi na maioria das vezes uma necessidade. Nesse sentido, a obra de Alessandro Portelli foi norteadora. Segundo o referido autor, as fontes orais permitem a obtenção de informações acerca de povos iletrados ou distantes da escrita; ainda assim a transcrição dessas fontes é essencial. (Portelli, 1997, p. 28). Ademais, nesse processo, o livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, Ecléa Bosi (1979) conduz uma análise profunda a partir de entrevistas realizadas com pessoas idosas, destacando o potencial de um trabalho que aproxima o presente e o passado, demonstrando como as entrevistas permitem reconstruir memórias e histórias antes negligenciadas, muitas vezes suprimidas. Dessa maneira, reside nessas fontes o desafio de conhecer e escrever essas histórias, especialmente pelo pouco reconhecimento da atuação da ACZ e das tensões gerais que enfrentam os que integraram o MN que se organizou nas Alagoas de 1980.

Nessa perspectiva, o trabalho de Verena Alberti e Amilcar Pereira, “História do Movimento Negro no Brasil: Constituição de Acervo de Entrevistas de História Oral” (2004), foi utilizado como referência metodológica e teórica. Nesse sentido, segundo os autores, a metodologia da história oral permite o conhecimento de realidades sociais através da narrativa de histórias que cristalizam determinados significados sobre o passado. O banco de dados produzido por esse estudo possibilita o acesso às memórias de pessoas ainda vivas, além de possibilitar o contato com informações sobre aqueles que já faleceram, mas tiveram uma participação efetiva nos eventos analisados.

É importante observar que, dentre os diversos dilemas que permeiam a utilização das fontes no estudos contemporâneos, ainda persistem resquícios da antiga preferência da historiografia por fontes objetivas e neutras, que desconsideram jornais por serem considerados registros fragmentados e influenciados por interesses, assim como fontes orais. vale dizer que nas últimas décadas do século XX a prática historiográfica passou por mudanças significativas, especialmente com a terceira geração dos *Annales*, na França. Nesse sentido, essa geração propôs novos objetos de estudo e abordagens, mantendo a relevância das análises estruturais e dos estudos econômicos e demográficos. Sob a influência de outras áreas das ciências humanas, ampliou-se a interdisciplinaridade, bem como o questionamento das fronteiras da produção histórica (Luca, 2005, p.112,113).

Sendo assim, nessa esteira de pensamento, ocorreu uma diversificação epistemológica com destaque para temas antes pouco explorados, a exemplo das práticas culturais, bem como dos aspectos do cotidiano, marcando uma transição de análises macroeconômicas e quantitativas para a valorização das culturas, do cotidiano e da diversidade histórica. Nesse contexto, a perspectiva de estudos marxistas assume novos significados, com métodos que se desenvolvem rejeitando a ortodoxia, incapaz de abarcar o estudo de algumas temáticas sociais. Assim, conforme defende Luca (2005),

Ao lado do vendaval causado pela História Nova, há que se mencionar a profunda renovação do marxismo, particularmente marcante nos estudos de Raymond Williams, Perry Anderson, Christopher Hill, Eric Hobsbawm e, sobretudo, E. P. Thompson, reunidos em torno da *New Left Review* (1960). O abandono da ortodoxia economicista, o reconhecimento da importância dos elementos culturais, não mais encarados como reflexo de realidades mais profundas, o que era comum em leituras reducionistas, e a verdadeira revolução copernicana efetuada por Thompson ao propor que se adotasse a perspectiva dos vencidos, a história vista de baixo (*history from below*), trouxeram ao centro da cena a experiência de grupos e camadas sociais antes ignorados e inspiraram abordagens muito inovadoras, inclusive a respeito de culturas de resistência. (Luca, 2005, p.113)

No contexto brasileiro, bem como nos estudos sobre a diáspora africana, o uso dessas fontes tem possibilitado a construção de pesquisas sobre populações que não pertenciam às elites econômicas ou acadêmicas, tradicionalmente excluídas dos estudos históricos. Nesse sentido, as fontes oriundas da imprensa do período pós-abolição são especialmente valiosas, uma vez documentam as lutas de homens e mulheres negras por uma igualdade que não foi conquistada junto com a “liberdade” em 13 de maio de 1888. Portanto, nesta pesquisa, serão utilizados jornais que forneçam informações sobre essa temática.

Ainda no que diz respeito à fundamentação teórica, também houve um grande diálogo com a tese de Amilcar Pereira, autor que compilou entrevistas de história oral sobre o Movimento Social Negro no Brasil, registrando a trajetória e o papel de líderes negros em diferentes momentos da história, sob o título: “O mundo negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)”. O trabalho analisou os relatos utilizando também outras fontes, registrando a trajetória e o papel de líderes negros em diferentes momentos da história. Essas fontes são fundamentais para entender a construção da memória, bem como a importância de preservar a história do Movimento Negro, tanto no cenário nacional quanto no regional.

Para essa perspectiva de análise, será realizado um diálogo com Edward Palmer, autor da obra intitulada: “A Formação da Classe Operária Inglesa” (1963), que impactou a historiografia marxista e a história social. Desse modo, o autor oferece uma análise do desenvolvimento da classe trabalhadora inglesa entre o final do século XVIII e o início do XIX, enfatizando as experiências e ações dos próprios trabalhadores, em vez de vê-los apenas como produtos passivos de processos econômicos. Assim, apesar do contexto “distante” territorialmente, essa metodologia de análise oferece muitas contribuições.

Thompson oferece um tipo de abordagem que coloca esses sujeitos, transformados em números ou “massa de manobra” por muitas metodologias, em agentes ativos da história. Para isso, ele aponta que trabalhadores não foram meras vítimas das transformações econômicas, mas agentes ativos que moldaram sua própria história através de protestos, lutas, organizações sindicais, por exemplo. O autor inclui a preservação cultural como forma de resistência diante da perda de autonomia e crescimento do sistema capitalista. Desse modo, essa forma de abordagem na história social se caracteriza por humanizar determinados grupos sociais, o que torna uma importante referência metodológica para este estudo.

Dito isso, também vale pontuar que a atuação do Movimento Social Negro brasileiro é uma ferramenta essencial para compreender como esse grupo contribui para a construção e transformação da sociedade. No entanto, é fundamental abordar a questão considerando que, assim como acontece em outros movimentos sociais, também no Movimento Social Negro há tensões que evidenciam, diferentes formas de ação e visões sobre os acontecimentos. Cada grupo carrega suas particularidades moldadas por contextos históricos e sociais distintos. Nesse sentido, revisitar essa história é indispensável para entender a formação e a atuação do Movimento Social Negro em Alagoas.

A fim de contextualizar a divisão deste trabalho, indico abaixo como se dá sua divisão.

No primeiro capítulo intitulado “Movimento Negro Contemporâneo e a Associação Cultural Zumbi”, busco analisar algumas das organizações do MN que se destacaram, bem como situar a ACZ dentro desse contexto, destacando suas características e as possíveis influências de outras organizações sobre o referido movimento e também sobre a valorização da história negra. Além disso, faço uma provocação acerca da historiografia alagoana e sua perspectiva memorialista e folclórica, compreendendo como a mesma historiografia repercutiu e influenciou as propostas de tombamento da Serra da Barriga organizadas pelo Governo Federal e pela prefeitura de União dos Palmares.

No segundo capítulo, faço uma discussão de forma mais aprofundada acerca da atuação e dos posicionamentos da Associação Cultural Zumbi, partindo do seguinte questionamento: a Associação Cultural Zumbi é um movimento político?. Para isso, analiso a criação do Projeto Memorial Zumbi em 1980, além de tentar compreender e relacionar a análise das fontes com os trabalhos que abordam essa mesma temática. Também discuto acerca da escolha do nome do grupo e sua atuação durante o “I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares” em 1981.

No terceiro e último capítulo, “O Quilombo dos Palmares e a Serra da Barriga: uma história em disputa”, serão analisados os principais projetos relacionados ao tombamento da Serra da Barriga, o “Memorial Zumbi”, apoiado por grande parte do Movimento Negro contemporâneo e pela Associação Cultural Zumbi. Também analisarei o “Projeto União”, desenvolvido por Edson Moreira e respaldado pela prefeitura de União dos Palmares. Serão destacadas as repercussões e as principais características de cada um dos referidos projetos.

2. Movimento negro contemporâneo e a Associação Cultural Zumbi

2.1 As influências do Movimento Social Negro Contemporâneo sob a criação da Associação Cultural Zumbi

O combate à discriminação racial e a desmistificação da democracia racial são partes integrantes da história do Movimento Social Negro brasileiro e contemporâneo; entretanto, para entender esse período, é necessária a compreensão dos momentos posteriores à reorganização do MN em 1970. Nesse sentido,

Amauri Mendes Pereira (2008) e Petrônio Domingues (2007) identificam três diferentes fases do movimento negro brasileiro, com características distintas, ao longo do século XX, e Abdias do Nascimento participou de maneira ativa em todas elas: a primeira, do início do século até o Golpe do Estado Novo, em 1937; a segunda, do período que vai do processo de redemocratização, em meados dos anos 1940, até o Golpe militar de 1964; e a terceira, o movimento negro contemporâneo, que surge na década de 1970 e ganha impulso após o início do processo de Abertura política em 1974 (Pereira, 2013, p. 90).

Ainda que para fins de estudos, nessa pesquisa, sejam consideradas essas divisões, destaco que em todas as fases, as entidades que se organizam irão exercer influências sobre as posteriores. Em linhas gerais, na primeira, a Frente Negra Brasileira (FNB) tem maior destaque, o grupo que não buscava uma mudança completa na ordem social do período, mas almejava a integração do negro naquela sociedade. De acordo com Petrônio Domingues, “no tocante à origem social, a maior parte dos filiados de base da FNB tinha origem humilde: funcionários públicos, trabalhadores de cargos subalternos e de serviços braçais” (Domingues, 2008, p. 521), eram nacionalistas e seus ideais não estavam voltados para a África, sendo inclusive apontadas semelhanças entre suas características com o Integralismo brasileiro e o Fascismo italiano², o que causou discordâncias internas e a saída de integrantes. Entretanto,

é evidente que esse nacionalismo exacerbado não era completamente hegemônico no movimento negro da época, tendo em vista, por exemplo, o grupo do jornal O Clarim d’Alvorada, que circulou entre 1924 e 1932 e que tinha como principal liderança José Correia Leite. O movimento negro brasileiro na década de 1930 também era plural e complexo. A Frente Negra, sem dúvida

² O Fascismo italiano, liderado por Benito Mussolini, surgiu após a Primeira Guerra Mundial e se caracterizou por ser um movimento nacionalista, autoritário e totalitário e inspirou diversos movimentos de extrema direita em outros países, inclusive no Brasil, como o caso do Integralismo Brasileiro, que surgiu na década de 1930, liderado por Plínio Salgado. Segundo Bertonha (2001), o Integralismo se desenvolveu a partir da realidade social e política do Brasil, incorporando elementos próprios e respondendo às demandas de parte da sociedade brasileira da época.

alguma, tornou-se a maior expressão desse movimento em sua época, até mesmo em função da dimensão nacional e do grande número de participantes que conquistou entre 1931 e 1937, que, segundo depoimentos da época, variavam entre 40 e até 200 mil sócios – o que permite caracterizá-la como um movimento de massa (Pereira, 2013, p. 91).

A FNB, assim como muitas entidades do MN, não deixaria de refletir em sua formação e organização o machismo da sociedade. “As mulheres eram subalternizadas na entidade e alijadas dos cargos das instâncias decisórias, os quais eram monopolizados pelos homens. Nenhuma das frentenegras, por exemplo, compôs o “Grande Conselho” (instância máxima da FNB)” (Domingues, 2007, p. 358). Ainda assim, é possível observar movimentações em relação à questão das mulheres negras, já nessa primeira fase, que apesar de pouco citadas, tiveram uma importante participação, sendo elas “protagonistas dessa história, assumindo diversas funções na organização. A Cruzada Feminina congregava as mulheres negras para empreender trabalhos assistencialistas. Outra comissão feminina, denominada Rosas Negras, organizava bailes e festivais artísticos” (Rodrigues, 2018, p. 522).

As Rosas Negras foi o primeiro agrupamento feminino da Frente Negra Brasileira (FNB). As mulheres que se vestiam de branco, usavam luvas e ostentavam uma rosa preta no peito. Lideradas por Benedita Costa, organizavam saraus e festivais "litero-dramáticos e dançantes" para aumentar a coesão do grupo. Esses eventos combinavam entretenimento e educação (Domingues, 2007, p.360). Uma outra organização de mulheres, dentro da FNB, foi a Cruzada feminina, cujos objetivos foram publicados no jornal da organização “A voz da raça”, em 1935. Eram eles:

1º - Durante 12 meses consecutivos perseverar em trabalhos beneficentes e auxiliar o quanto possível no orçamento de provimento de material escolar para os cursos de formação social e preliminares diurno e noturno.

2º - Organizar as biografias dos fundadores da F.N. Brasileira e se possível, a galeria dos antepassados heróicos (ao menos com 20 retratos) para a inauguração no próximo 13 de Maio.

3º - Aumentar o número de assinantes da Voz da Raça. (Domingues, 2007, p. 362)

Elas também participavam da organização da infraestrutura na promoção de eventos, organizavam rifas, concursos, entre outros. De modo que as participações delas foram muito importantes, apesar do processo de apagamento histórico enfrentado pelas mulheres. Outro ponto, é que mesmo no início, quando as referências ao continente

africano eram poucas, as referências a Palmares já aparecem, como símbolo para os negros brasileiros, o que ganhará muita força nas próximas fases do MN. Na segunda fase, teremos como principal organização o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944 por Abdias do Nascimento, nome de grande destaque nesse período. O TEN, diferente da FNB já olhava para “as Áfricas e se inspirou no movimento Negritude³, muito difundido no período. A União dos Homens de Cor (UHC) também se destaca nesse contexto:

União dos Homens de Cor (UHC), tinha outra perspectiva de ação, um tanto distante da do TEN, que embora também oferecesse curso de alfabetização para os atores negros, pautava sua atuação no campo do protesto político e cultural. A UHC tinha uma perspectiva de atuação social mais próxima a da FNB, no sentido da busca de integração do negro na sociedade brasileira através de sua “educação” e sua inserção no mercado de trabalho (Pereira, 2013, p. 94).

Além do TEN, Abdias do Nascimento lançou o jornal Quilombo, nele foram feitas publicações de textos de vários autores africanos, característica que não estava presente nos periódicos anteriores. Nas décadas de 1960-1970, também ocorreram várias independências na África, e um grande movimento de libertação de países como Angola e Guiné Bissau⁴. Nota-se que as ideias de como combater a estrutura excludente para pessoas negras passavam por mudanças. Isso, pois, se na primeira fase teremos uma ideia de assimilação dos negros na sociedade brasileira ainda com suas estruturas, na segunda fase o questionamento ao racismo e a essa estrutura colonial direciona o movimento negro a outro ponto de partida. Demonstrando que os saberes produzidos pelo MN são constituídos na prática:

Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes constituídos por grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. Muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado por esses movimentos, que indagam o

³ Os principais fundadores do movimento Negritude foram Léopold Sédar Senghor, do Senegal, Aimé Césaire, da Martinica, e Léon-Gontran Damas, da Guiana Francesa. Estes escritores e poetas procuraram revalorizar a cultura africana, rejeitando os estereótipos e a assimilação cultural impostos pelos colonizadores, o movimento inspirou a luta por direitos de pessoas negras, inclusive no Estados Unidos e Brasil. “A negritude francófona foi um movimento artístico, estético e político dos anos de 1940 e 1950” (Barbosa, 2013, p.172)

⁴ As décadas de 1960 e 1970 testemunharam um movimento de independência em larga escala na África, com a maioria das nações do continente conquistando sua soberania entre 1957 e 1968. Este processo foi impulsionado por uma conjunção de fatores. Movimentos como o pan-africanismo e a negritude, desempenharam um papel crucial na mobilização das populações africanas para a luta pela independência, Angola e Guiné-Bissau, em particular, foram palco de movimentos de libertação que enfrentaram uma resistência feroz por parte de Portugal. Além disso a União Soviética apoiou os movimentos de libertação desses países “ O apoio da URSS aos movimentos de libertação da África ficaram explícitos nas resoluções adotadas tanto no XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 1959, quanto no seu XXII Congresso, em 1961. “ (Mendonça, 2019, p.134)

conhecimento científico, fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dinamizam o conhecimento (Gomes, 2018, p.17).

Já o movimento negro contemporâneo (aquele que esse trabalho irá se deter majoritariamente) será caracterizado, inicialmente, pela negação do mito da democracia racial, marcado pelo surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978: “MNU como um marco fundamental na transformação do movimento negro brasileiro – em meio a um contexto histórico-social de lutas contra a ditadura militar, então vigente no país –, e comparando-o com organizações anteriores como a FNB e o TEN.” (Pereira, 2013, p. 98). Ademais, o ato realizado nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, em 1978, pelo Movimento Negro Unificado (MNU), representou a forma de protesto social reivindicatória que o movimento negro no Brasil assumiria, tomando os espaços públicos abertos.

O grupo Palmares (1971), como indica o próprio nome escolhido, é uma das entidades que inicia um processo comum dessa terceira fase, a ressignificação da história palmarina e a negação do 13 de maio em detrimento da exaltação do 20 de novembro. De acordo com Deivison Campos, “inicialmente, simples opositores ao 13 de Maio e sua significação de liberdade concedida, o grupo de jovens negros porto-alegrenses descobriu em Palmares uma representação para a liberdade conquistada e espaço social de igualdade construída”(Campos, 2006, p.115).

Apesar do grupo Palmares ter sido fundado por homens, “logo que as atividades se abriram a outras pessoas interessadas, a presença de mulheres negras se fez efetiva. Em 1972, era preciso esforço para ignorar a participação” (Pinto, 2020, n.p). Maria Conceição Lopes Fontoura era estudante de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi apresentada ao grupo por Anita Abad e teve sua vida transformada por aquele movimento:

Em 1973, a celebração do 20 de Novembro previa a apresentação da peça Do Carnaval ao Quilombo, de autoria coletiva do Grupo Palmares. O espetáculo contrastava com as lições aprendidas na escola. Maria Conceição foi, então, encarregada de obter a aprovação do texto perante a Polícia Federal. Seus pais nunca souberam disso. Assim como ela nunca conseguiu romper com o Movimento Negro dali em diante! (Pinto, 2020, n.p)

Os mesmos indicam a experiência Palmarina como a maior referência de resistência para o povo negro brasileiro. Em entrevista concedida a Amílcar Pereira, um dos fundadores do grupo, Oliveira Silveira, discorre sobre as dificuldades de

fundamentar-se para implodir esses ideais diante do sistema ditatorial. Segundo Oliveira, foi preciso ir a bibliotecas e pesquisar fontes que confirmassem a história de Palmares que conhecemos hoje, inclusive para confirmar a data de morte de Zumbi. Adiciona que para conseguirem fazer uma celebração em 1971, precisaram obter autorização do governo ditatorial, que “confundiu” o evocativo com uma performance teatral e por isso autorizaram. Assim, o grupo iniciou os trabalhos com apenas 6 pessoas (Pereira, 2013,p.100).

Seguindo a proposição do Grupo Palmares, durante a segunda Assembléia Nacional do MNU, realizada no dia 4 de novembro de 1978, em Salvador, foi estabelecido o 20 de Novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” – que hoje é feriado em mais de 200 municípios do país.” (Pereira, 2013, p.100, grafia do original).⁵

Durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) o MN não irá recuar. Nesse período, várias organizações irão surgir e se aproximar em sua maioria dos ideais de esquerda da época, ou seja, contrários à ditadura. Prova disso é a negação da democracia racial por parte do MN, proposta como fato concreto pelo governo da época.

Algumas entidades se formaram logo no início da década de 1970, como o Grupo Palmares, no Rio Grande do Sul em 1971; o Centro de Cultura e Arte Negra Cecan e o grupo de teatro Evolução, em São Paulo em 1972; o bloco afro Ilê Aiyê em 1974 e o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro em 1976, ambos em Salvador; a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) em 1974 e o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) em 1975, no Rio de Janeiro; o Grupo de Trabalho André Rebouças, em Niterói, e o Centro de Estudos Brasil-África (Ceba), em São Gonçalo (RJ), em 1975, entre outras.(Pereira, 2013, p.165).

Também é nesse período que começam a surgir os grupos de pesquisas sobre história afro-brasileira ou africana, normalmente ligados a universidades federais e estaduais. Esses fatos têm ligação com uma grande contradição presente no complexo cenário que se desenha durante os anos ditatoriais, o surgimento de uma elite intelectual negra em detrimento das mudanças econômicas do período:

Em 1940 somente 20 mil não brancos tinham concluído o segundo grau. Em 1980, 1 milhão e cem mil afro-brasileiros tinham diploma de nível médio e 172 mil tinham cursado uma faculdade. Muitos desses avanços ocorreram durante o milagre econômico, entre 1968-1974, quando o crescimento da economia

⁵ Em 21 de dezembro de 2023, o presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 14.759/2023, que declara o 20 de novembro como feriado nacional para celebrar o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. A data já era feriado em alguns estados do Brasil e o reconhecimento dessa data como feriado nacional é uma grande conquista para o Movimento Negro. (BRASIL.2024)

alcançou taxa média de 10% ao ano e o governo militar ampliou bastante o sistema de educação superior. (Andrews, 2015, p. 23-24)

Ainda que essas mudanças acontecessem, os frutos do “milagre econômico” não foram palpáveis para a população negra do país, ainda segundo Andrews as pesquisas “também mostraram que a proporção dos diferenciais de renda inexplicáveis por educação, experiência etc., quase dobraram entre 1960 e 1980, indicando um crescimento substancial da discriminação durante aqueles anos” (Andrews, 2015, p. 24). Como explica Lélia Gonzalez, esse “milagre econômico” vem à custa de enormes desvantagens. “Muito ao contrário, os "benefícios" que receberam tiveram como resultado o seu empobrecimento, determinado pela política do arrocho salarial. E quando a gente fala em massas, a gente está se referindo também, ou principalmente, ao grande contingente de negros” (Gonzales, 1982, p.18).

Esse contexto econômico e político é uma das questões que irá impulsionar o MN contemporâneo, pois o discurso ditatorial de negação do racismo e confirmação da democracia racial, diverge totalmente da realidade. Assim, casos de racismo tornavam-se estopins para o surgimento de grupos organizados, como é o caso da Associação Cultural Zumbi, que surge na capital Alagoana:

Entidade negra criada em 1979, em decorrência de um episódio de racismo envolvendo Marcelino Dantas, negro e estudante de medicina da UFAL, que foi “convidado” a se retirar de um baile no Clube Fênix Alagoana. Na ocasião, após uma reunião com 33 pessoas (31 homens negros e 2 mulheres negras), a ACZ se constituiu enquanto um dos principais grupos políticos do Estado de Alagoas, que tinha como objetivo o combate ao racismo (Marques; Correia, 2022 p. 33).

Posteriormente, o grupo mudaria muito, inclusive no quantitativo de mulheres, que na primeira reunião foi baixíssimo, segundo a entrevista concedida por Vanda Menezes (2015)⁶. Neste estudo é possível visualizar que a participação de mulheres na ACZ irá trazer grandes ganhos e discussões acerca da mulher negra e seu papel na sociedade. Ficariam em maior evidência na atuação da ACZ e irão aparecer com frequência nessa pesquisa os militantes Alagoanos e ex-integrantes da ACZ: Zezito Araújo, Ângela Brito, Vanda Menezes, Fátima Viana e Socorro França.

⁶ BARBOSA, Vanda Maria Menezes. Vanda Maria Menezes Barbosa (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 35min).

Contudo, como aponta Michel-Rolph Thouillot, os silêncios são inerentes à história, a utilização de registros históricos apontam escolhas que refletem (muitas vezes) nesses silêncios e a utilização de fontes até então negligenciadas podem abrir novos caminhos (Trouillot, 1995). Assim, observa-se que maioria dos trabalhos produzidos sobre o movimento negro contemporâneo, não citam ou citam apenas superficialmente a atuação da ACZ. Os movimentos ocorridos no Sudeste são privilegiados nesse quesito, ainda que o movimento ocorrido em Alagoas tenha conseguido grandes conquistas, como o tombamento na Serra da Barriga e a criação do Parque Memorial Quilombo dos Palmares, local que consagraria as comemorações ao 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra e receberia diversos intelectuais negros do Brasil e de outros países naquele período. Por isso, analisar os caminhos trilhados pela ACZ e de seus militantes, pode oferecer uma nova perspectiva acerca do MN contemporâneo.

O episódio de racismo que ocorreu no Clube Fênix, já citado, foi um estopim para que militantes negros e negras de Alagoas se reunissem e discutissem acerca do racismo presente em seu estado e país. A formação da Associação Cultural Zumbi (ACZ), teve como um dos protagonistas Zezito Araújo, que estava na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em 1980 como professor, um dos motivos que levaram a uma aproximação da ACZ com a UFAL.

Além disso, no ano de 1978 o Projeto Rondon estava em plena atividade, apoiado pelo Estado Ditatorial Brasileiro. O Projeto Rondon, iniciado em 1967 pelo governo militar, tinha como objetivo integrar universitários ao desenvolvimento do país e aproximá-los das comunidades mais remotas. Surgiu de um seminário em 1966 que discutiu a necessidade de envolver os jovens no projeto de desenvolvimento nacional. O nome homenageia o Marechal Rondon, conhecido por suas expedições no interior do Brasil. O projeto começou com uma operação piloto em Rondônia e rapidamente se expandiu, enviando centenas de estudantes para o Norte e Nordeste do país, com apoio logístico das Forças Armadas. (Freiberger, 2017, p. 2).

Com o “sucesso” inicial, dado pela grande adesão de universitários ao projeto, o Projeto Rondon se consolidou e, em 1970, foi transformado em Órgão Autônomo da Administração Direta, culminando na criação da Fundação Projeto Rondon em 1975. De forma geral, buscava o dito “desenvolvimento nacional” através da incorporação das áreas do interior do Brasil ao mercado, com técnicas consideradas modernas, cooptando a juventude na

tentativa de combater a influência de ideais comunistas durante o regime militar (Amato, 2015, p. 56).

O Projeto Rondon chegou na Universidade Federal de Alagoas visando tombar a Serra da Barriga em União dos Palmares-AL, ambiente que abrigou a capital do Quilombo dos Palmares no século XVII, a fim de transformá-lo em uma nova opção turística para o estado. Daí em diante, a UFAL começou a fazer parte das discussões realizadas acerca do tema e, para isso organizou (junto aos órgãos citados abaixo) um seminário em 20 de agosto de 1980:

Porque o Rondon vinha desde 1978 tentando resgatar a história da Serra da Barriga, através do professor Aluisio Galvão, ele era também um dos diretores do Rondon. Aí entrou nesse meio a EMATUR, empresa de turismo de Alagoas que funcionava na época. Então, o Rondon e a EMATUR tentaram promover aqui um seminário sobre a história do Quilombo dos Palmares. Evidentemente eles chamaram a UFAL para fazer isso, já que o prof. Aluisio Galvão era um dos diretores da UFAL. E o prof. João Azevedo [reitor à época] provocou o CNPq, a CAPES e o IPHAN. O Formiga era um dos dirigentes do IPHAN, e o prof. Aluisio Magalhães, esse nome é conhecido até hoje, foi ele que deu essa dimensão do patrimônio da cultura material e imaterial no Brasil. E, coincidentemente, trabalhava no IPHAN um amigo nosso, o Olímpio Serra. O Olímpio Serra perguntou para o Aluisio Magalhães: como eles queriam fazer um seminário sobre a história dos negros deixando os negros de fora? Porque a concepção nossa, digo nossa de Alagoas, era trazer intelectuais para pensar o Quilombo dos Palmares, deixando a negrada de fora (Araújo, 2011, p.109).

O seminário citado contou com a presença de órgãos do governo federal, governo Estadual de Alagoas e do município de União dos Palmares: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Porém, foi organizado sem qualquer preocupação em garantir a presença de negros e negras do estado, e isso só foi percebido pelos organizadores durante o seminário, após a provocação de Olímpio Serra e Abdias do Nascimento. Só então, o prof. João Azevedo, reitor da universidade, viu Zezito Araújo, que estava observando o seminário do final do auditório, pois não havia sido convidado, e o chamou para compor a mesa. Segundo Araújo, esse foi um momento de despertar em sua jornada: “Aí eu fui, sentei-me à mesa e aí começou toda a minha história. E a fala assim, eu não tinha postura. Falar de Zumbi, eu nunca tinha ouvido falar na minha vida” (Araújo, 2011, p.109).

Esse cenário direcionou a ACZ para o debate, assim, o grupo se consolidou com papel central nas discussões para o processo de tombamento da Serra da Barriga, e em um trabalho de base acerca da importância do Quilombo dos Palmares. Ainda que o Brasil estivesse no período de ditadura civil-militar (1964-1985).

2.2 As problemáticas historiográficas nos projetos de tombamento da Serra da Barriga

Como traz Lélia Gonzalez, o golpe de 1964 implicaria na desarticulação das elites intelectuais negras, de um lado, e no processo de integração das identidades de massa numa perspectiva capitalista, de outro. “As escolas de samba, por exemplo, vão se transformando em empresas da indústria turística” (González, 1982, p. 27). O tombamento da Serra da Barriga também sofrerá com a influência dessa lógica, projetos que surgem sem a participação efetiva do Movimento Social Negro são exemplos práticos disso. Esses projetos tratam-se de iniciativas que ilustram uma perspectiva turística e/ou folclórica, que ignoram a importância da participação e do protagonismo do MN no processo de tombamento da Serra da Barriga. Como é o caso da primeira iniciativa articulada pelo Projeto Rondon (já citado) e do Projeto União⁷, apoiado pela prefeitura de União dos Palmares e por políticos locais, que será discutido no terceiro capítulo deste trabalho.

Ademais, é fundamental compreender o contexto político e as ideias que ganham força nesse período, por meio de uma discussão baseada em referências bibliográficas que fundamentam a criação desses projetos. Obras de grande repercussão no estado influenciam o pensamento coletivo, e as ideias apresentadas nos textos a seguir podem ser percebidas nas entrelinhas das propostas de tombamento do maior quilombo das Américas.

Além disso, outro fator é o contexto específico do ano de 1979-1980, onde a reabertura política causava medo àqueles que apoiaram a Ditadura Civil-Militar, mas dava mais espaço aos que lutavam pela democracia. A queda do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que havia entrado em vigor em 1968, decretando o fechamento do Congresso Nacional e inaugurando um dos períodos mais violentos da ditadura civil-militar. Sua revogação, em 1978, marcou o início de um processo de reabertura política. Ainda assim, o governo ditatorial, que não queria ser “desbancado”, e as elites beneficiadas por essa organização política atuavam para manter os movimentos sociais de alguma forma “contidos”. Esse

⁷ ACERVO NEABI/UFAL(documento). Projeto União. Caixa 06, 65 páginas.

fator é determinante para compreender a formação do Memorial Zumbi (organizado pelo Movimento Negro e pela Associação Cultural Zumbi) e dos projetos que atendiam aos interesses das elites, baseados nos conceitos apresentados neste capítulo.

Seguindo para o entendimento desses conceitos, uma das ideias mais defendidas pela Ditadura Civil-Militar no Brasil, foi também um dos seus grandes malefícios a para população negra- o reforço da ideia de democracia racial. Empossados de um discurso de negação do racismo, o governo impedia e perseguia aqueles e aquelas que tentassem denunciar a desigualdade racial, “por meio do “aliciamento” de militantes que se contrapunham às “instituições nacionais”, como os movimentos negros que contestavam a “harmonia racial”, considerada pelo regime militar” (Kössling, p. 21, 2007).

Nacionalmente, a teoria da democracia racial foi elaborada por Gilberto Freyre em sua obra “Casa Grande Senzala” (1933), que apesar de não ter utilizado o termo “democracia racial”, conceitua e difunde o que conhecemos hoje como tal. O discurso se fundamenta na ideia de que o Brasil é uma nação onde a integração entre diferentes etnias e culturas ocorreu de maneira genuinamente bem-sucedida, resultando na construção de uma sociedade sem barreiras raciais rígidas e sem preconceitos intensos. Em suma, a convivência e interação entre as raças, teria, segundo Freyre, dado origem a uma cultura de tolerância racial. (Freyre, 1933).

Encarar a democracia racial como uma representação fiel do panorama atual das relações sociais e raciais do Brasil em qualquer período após a chegada dos colonizadores, seria ignorar todos os problemas acarretados pelo racismo. Valer-se dessa “ignorância” se torna interessante para os representantes políticos e a elite econômica durante muito tempo, incluindo a Ditadura Civil-Militar, pois defendendo uma harmonia entre todos os grupos, não havia com que se responsabilizar ou preocupar. A partir dessa ideia, surgem diversas teorias para fundamentar a não existência de políticas que possibilitaram a existência da população negra, por exemplo, as teorias que indicavam o desaparecimento de pessoas negras em detrimento da miscigenação e as ideias da democracia racial.

Entre os escritores alagoanos essas ideias também eram bastante difundidas, utilizavam delas para descrever as relações sociais do seu estado. Cabe ressaltar, que Alagoas é um estado que se desenvolveu baseado na produção de cana-de-açúcar e na exploração de pessoas escravizadas. A elite econômica do estado sempre esteve e está

ligada aos latifundiários, por isso se mantém conservadora no passar dos séculos. Como reflexo dessa realidade, os autores que se dispõem a estudar a história de Alagoas e produzem alguns dos “clássicos” da historiografia alagoana, são membros da elite econômica e de forma quase majoritária tratam das questões específicas da população negra como algo inexistente, quando abordam tais questões, fazem-na de forma romântica e folclórica, o que já se torna um ponto de reflexão. Entre esses autores, estão: Manuel Diegues Júnior e Abelardo Duarte.

A folclorização da história da população negra é uma problemática a partir do entendimento do que é folclore, já que esse conceito traz implícito “a hierarquização cultural e o problema da “civilização” *versus* “barbárie” (Dias, 2018, p.137). Por isso, a concepção de folclore está associada a uma cultura de uma sociedade de classes, onde a elite econômica é quem se encarrega de estudar e classificar o folclore, cultura da classe “subalterna”. No Brasil e em Alagoas, o avanço dos estudos folclóricos vinculados às elites levou a abordagens problemáticas, paternalistas e preconceituosas no trato com a cultura popular, com a finalidade de controlar: “pode-se concluir que, tanto a violência policial quanto a folclorização compõem instrumentos práticos de “silenciamento” social” (Dias, 2018, p.142).

Como em todo país, a maioria dos alagoanos que tiveram acesso ao ensino superior (antes da expansão do ensino público nas últimas décadas) tinham grande poder aquisitivo, “É a partir destes intelectuais de profissão, associados aos Institutos Históricos de suas regiões, que irão sair boa parte das produções historiográficas ao longo da segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX” (Dias, 2018,p.2).

O livro “O Banguê das Alagoas” (2006) de Manuel Diegues Júnior é uma obra densa acerca da formação econômica, vida social e cultural no estado. Para elaborar a obra, o autor utilizou diversas fontes e falou sobre a venda de “escravos” machucados, açoites destinados aos escravizados e tantas outras violências. Ainda assim, de forma natural, concorda com Alfredo Brandão e demonstra sua ignorância diante das relações sociais entre escravizados e escravistas no estado:

É inegável, no entanto, que o escravo merecia também bom tratamento. Admite Alfredo Brandão que os engenhos de Viçosa jamais presenciaram as cenas vandálicas da escravidão. “As novenas de açoites, os bancos e as gargalheiras não medraram em minha terra”, diz aquele historiador, e acrescenta que se castigos houve eram apenas uma reprimenda às suas mafeitorias, mas esses castigos não excediam os sentimentos de humanidade. (JÚNIOR, 2006, p.176).

Em “Nosografia do negro em Alagoas” (1940), Abelardo Duarte atribui aos “escravos negros” as doenças encontradas na região do açúcar. Esses clássicos que por muitas vezes alcançaram prestígio nacional, não refletem de forma crítica sobre a situação da população afrodescendente acometida pelo racismo no estado de Alagoas. Os autores citados e os tantos outros que reproduzem esse comportamento baseiam-se em teorias como a suposta democracia racial, embranquecimento da população, romantização da miscigenação e da folclorização. Nota-se que essas teorias estão presentes nos ideais dos políticos e professores que elaboram o Projeto União de 1983, quando entre as suas metas com o tombamento propõe homenagens a Calabar e a Princesa Isabel.⁸ (Projeto União, 1983, p.13)

Ao analisar produções historiográficas, especialmente as do atual Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), entidade que daria “continuidade à política provincial, e o padrão historiográfico ali constituído seguiria os padrões da política vigente na época”, Danilo Marques demonstra como a historiografia produzida pelos detentores da história “oficial” buscou priorizar e privilegiar os feitos das tropas que destruíram o Palmares. Um dos principais motivos para a associação da história do Quilombo dos Palmares a algo negativo, se dá pelo medo de que o quilombo se tornasse um símbolo de revolta para o presente e o futuro (Marques, 2022, p.111).

A tradição dessa narrativa que buscava colocar o quilombo como o “outro”, o “inimigo”, vem da escrita dos cronistas coloniais contemporâneos da Guerra de Palmares. Tal pensamento servia como subterfúgio para unir a sociedade colonial contra os palmarinos, tornando-os um inimigo comum para a população. (Marques, 2022, p.110).

Dito isso, por que esses escritos são tão importantes para discutir o Movimento Negro contemporâneo em Alagoas? O fato dessas ideias terem se tornado uma constante nos clássicos da historiografia alagoana deixou uma marca indelével no imaginário social, que estava presente nas tentativas de transformar a Serra da Barriga em um local que não refletia a sua importância para a população negra, pois essas ideias estavam profundamente enraizadas na academia e nas elites econômicas e políticas do estado. Partindo desse ponto, é “natural” que a classe política local não aceite facilmente homenagens ao Quilombo dos Palmares em toda a sua plenitude.

⁸ ACERVO NEABI/UFAL(documento). Projeto União. Caixa 06, 65 páginas.

Segundo Jefferson Santos da Silva, a elite alagoana construiu uma narrativa que aprisiona a população negra no passado, relegando-a a um lugar de memória e folclore. Essa representação se manifesta em diversas formas, com o objetivo de obliterar a influência dessas populações nos mais diversos aspectos. Os negros/as foram vistos como um problema a ser resolvido, já a elite intelectual alagoana, incomodada com a sua presença, buscou formas de "resolver" o problema (Silva, 2024, p.102). Portanto, dada a necessidade do contexto da década de 1980, com a início da reabertura política, os esforços estavam em torno de disputa por narrativas, onde a intenção das elites locais da época era perpetuar essa idealização problemática de folclorização e memorialismo acerca do Quilombo dos Palmares. Para Silva, o Quilombo dos Palmares é o episódio em que a presença negra não consegue ser silenciada, mas nem por isso deixou de ser envolta de problemáticas acerca de sua escrita:

Presente na produção bibliográfica alagoana desde meados do século XIX, o contingente negro se viu abordado num primeiro momento, se não diretamente, ao menos através da descrição de movimentos de base popular ocorridos no Estado, como é o caso da Revolta dos Cabanos ocorrida no segundo quartel do século XIX. Afora tal Revolta, a referência ao negro ficaria quase que totalmente circunscrita a um único evento de nossa historia colonial: o Quilombo dos Palmares. É impressionante perceber o quanto de atenção foi dado a tal evento no seio das pessoas de letras de Alagoas. Na sua quase totalidade, as investigações desenvolvidas em torno do Quilombo dos Palmares, constituíram meras descrições sobre a distribuição geográfica dos mocambos assim como das várias investidas feitas ao mesmo pelas autoridades coloniais. (Silva, 2024, p.09)

Outro ponto, é que a memória do Quilombo dos Palmares e a figura de Zumbi sempre foram fontes de inspiração para o Movimento Social Negro e antes disso moldaram uma série da características do estado de Alagoas, como é defendido por Marques, foram muitas as heranças deixadas pela luta palmarina, “Palmares teve uma forte relação com a história da formação de Alagoas no século XIX, afinal, a província foi estruturada à sombra da simbologia do quilombo.”(Marques, ANO, 148)

Portanto, como demonstrado ao longo deste capítulo, o quilombo representou um exemplo de estrutura decolonial⁹ e antirracista, desafiando a ideia de negros como meros

⁹ O termo decolonialidade surge como uma oportunidade para repensar a colonização, entendendo-a como um processo que permanece em desenvolvimento até os dias atuais. A colonialidade e o colonialismo manifestam-se, sobretudo, por meio da exploração e da opressão sofridas pelos povos colonizados, uma problemática denunciada por autores como Franz Fanon e Aimé Césaire em seus escritos. Catherine Walsh, uma das principais estudiosas do tema, define a decolonialidade como um projeto de resistência e transformação. Esse projeto busca dismantlar as estruturas coloniais e construir um futuro mais justo e igualitário, reconhecendo que as relações de poder estabelecidas no período colonial persistem mesmo após a independência formal, configurando a chamada colonialidade do poder (Walsh, 2018, p. 10).

"escravos" e evidenciando o potencial de organização, negociação e inteligência da população negra subjugada. Por esse motivo, surgiram tentativas de implementar projetos que perpetuaram os ideais descritos (como a folclorização), aceitos e defendidos por autores e políticos locais. Entretanto, será demonstrado como o Movimento Social Negro e a Associação Cultural Zumbi se apropriaram de novos conceitos e discursos, elaborados por eles, para defender a execução de um projeto que representasse a história viva de resistência e consciência negra da experiência palmarina. Desafiando o medo secular das elites locais da formação de revoltas em torno da simbologia do Quilombo dos Palmares.

3. Associação Cultural Zumbi: é um movimento político?

3.1 Associação Cultural Zumbi, liberdade e democracia racial

O Quilombo dos Palmares foi um evento histórico que não foi possível silenciar e sufocar, então, o Projeto Rondon tentou transformá-lo em uma experiência estática e folclórica, mas que foi constatada e enfrentada pelo MN. Por isso, Alagoas tornou-se um espaço de reunião e união do movimento negro nacional e alagoano, a fim de proteger um local de salvaguarda da resistência negra à escravidão e ao colonialismo. Uma das principais ações do MN que se organizou em Alagoas, foi a criação do “Projeto Memorial Zumbi: Parque Histórico Nacional”. Em entrevista para Rádio Educativa em 1983, o professor e membro da ACZ Zezito Araújo, quando perguntado acerca do Memorial Zumbi, respondeu que:

Olhe, o Memorial Zumbi é uma instituição formada por várias outras instituições e que o passo imediato nosso, não só do Memorial, mas quase todas instituições envolvidas, é a preservação do sítio histórico da Serra da Barriga. Hoje, a gente pode dizer que foi dado alguns avanços, né, nesse aspecto, porque já conseguimos reunir alguns órgãos que antes divergiam sobre isso[...] o Memorial Zumbi hoje ele é definido a nível de instituições que trabalham para conseguir o objetivo do que será realizado, porque muitas pessoas confundem, pensam que o Memorial Zumbi vai ser o órgão que vai executar algo lá em cima da serra e fazer qualquer monumento, não, ele simplesmente é um órgão que agiliza a comunidade brasileira para conseguir determinado fim.¹⁰

Como parte do “Projeto Memorial Zumbi: Parque Histórico Nacional”, foi criado em 1980 e na época nomeado de Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), durante a I Semana Zumbi, realizada na Casa Jorge de Lima, em União dos Palmares – AL. O CEAB estava ligado à UFAL e seu primeiro coordenador foi o historiador gaúcho Décio Freitas, até 1983, quando o CEAB passou por uma mudança de nomenclatura, tornando-se Núcleo de Estudos Afrobrasileiro (NEAB) e Zezito Araújo assumiu a sua coordenação. Para Vanda Menezes, integrante da ACZ, o NEAB teria seu trabalho fortalecido em ações conjuntas, em suas palavras:

Foi a Associação Cultural Zumbi que constituiu o Memorial Zumbi, que brigou para tombar a Serra, para desapropriar a Serra. A gente constitui a ACZ, logo depois, em 1980, se faz o primeiro Neab, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da universidade. Não tenho certeza, mas acho – 99% de certeza – que foi o primeiro Neab do Brasil [...]. Era um núcleo pequeno em extensão. Era a Associação, que já tinha corpo político, que dava... Tinha uma parceria muito boa, o pró-reitor era muito interessante. Tinha uma parceria muito boa com o movimento e a gente

¹⁰ ARAÚJO, Zezito. Entrevista para a Rádio Educativa de Alagoas. Maceió, 1983. Disponível em: Acervo físico do NEABI/UFAL.

com eles. Então, tudo a gente fazia junto: Neab e Associação Cultural Zumbi.¹¹
(BARBOSA, 2005)

Araújo, explica como a ACZ através do NEAB realizou trabalhos de base, a fim de valorizar a cultura afro-brasileira, indo contra a perspectiva preconceituosa com que esse tipo de manifestação era tratada, “se você pega o livro de Abelardo Duarte, “O folclore negro em Alagoas”, na década de 1980, o que tinha em Alagoas era isso, [...] Era o Bumba-Meu-Boi, era a Taiêra, era a Baiana, Côco de Roda, nem Capoeira tinha nessa época”. Também explica que o NEAB desempenhou um papel crucial ao trazer figuras importantes como Kabengele Munanga e promover cursos sobre a África na região. Esse esforço focado na educação básica resultou em um aumento de atividades culturais na periferia, incluindo grupos de capoeira, bandas e grupos folclóricos universitários, segundo Araújo, influenciados pelo trabalho do NEAB e da Associação Cultural Zumbi. Os relatos citados acima, de Zezito Araújo e Vanda Menezes Barbosa, bem como algumas fontes que serão analisadas neste trabalho, demonstram que a atuação da entidade foi além de sua influência no tombamento da Serra da Barriga.

Dessa forma, entende-se aqui que o o governo autoritário prejudicou, mas não paralisou o movimento negro contemporâneo de Alagoas, mas desafiou sua organização, fazendo-os pensar em possibilidades de atuação que não trouxessem grandes represálias aos indivíduos (como prisão, exílio e tortura), porém que não deixassem de denunciar o racismo e lutar por melhores condições, ainda que para isso precisassem negociar com líderes políticos que não necessariamente os representavam.

Entretanto, essa postura é lida por alguns autores como uma postura de “não enfrentamento ao sistema vigente” e a ACZ, em Alagoas, não ficará de fora dessa dinâmica. Para Jeferson Silva, o movimento negro alagoano não teria Zumbi como exemplo, esse seria apenas uma referência distante: “O que temos em seu lugar é exatamente o inverso, ou seja, um processo cada vez mais forte de cooptação e de subordinação do movimento negro alagoano ao poder constituído” (Silva, 2008, p.16). Em outro trabalho, diante de recortes de entrevistas com integrantes de ACZ, o mesmo autor diz:

Ainda diria o mesmo a respeito da denominação da entidade: “(...) nós nos preocupamos em colocar um nome que não enfrentasse os segmentos sociais de

¹¹ BARBOSA, Vanda Maria Menezes. Vanda Maria Menezes Barbosa (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 35min).

Alagoas (...). (Zezito — 15/ 01/ 2003) Neste depoimento, podemos perceber evidências de um caráter integracionista que a Associação Cultural Zumbi incorporaria, de tal forma, que o nome da entidade deve ser encarado como consequência de sua prática política. Com isso podemos afirmar que aquela entidade levou o seu protesto até onde não incomodasse os segmentos diretamente beneficiados com a ordem racial vigente. (Silva ,2003, p.5)

Ademais, os novos trabalhos produzidos podem trazer novas perspectivas a partir da apropriação de novas fontes. Duarte (2023) faz uma análise do I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, que ocorreu em 1981 e foi protagonizado pelo movimento negro brasileiro, em especial o movimento negro alagoano, com a ACZ. A principal fonte utilizada é um Relatório Confidencial do Serviço Nacional de Informações (SNI), que descreve os acontecimentos do simpósio, realizado entre 16 e 20 de novembro, na Universidade Federal de Alagoas (Duarte , 2023, p.15).

O acompanhamento de agentes do estado demonstra a perseguição que ocorreu e a preocupação do Estado com as ações do MN em Alagoas. Um dos principais motivos da perseguição é que o antirracismo era muito associado ao comunismo, assim, os debates sobre preservação da cultura, memória e as reivindicações por igualdade foram destaques no relatório (Duarte, 2023 p.17).

A própria nomenclatura escolhida pelo grupo, “Associação Cultural Zumbi”, é uma evidência que direciona a uma discussão necessária sobre o viés da entidade. Em 2024, em uma produção de *podcast* sobre a Ditadura Civil-Militar na UFAL, o mesmo integrante entrevistado acima, Zezito Araújo, explica melhor a escolha do nome:

Foi uma estratégia minha. Como eu já conhecia certa dinâmica, é..., a repressão que estava acontecendo e as experiências que eu tinha já na universidade eu propus as meninas na época que a gente colocasse o nome “cultural”, porque o nome cultural ele agregava e como nós íamos trabalhar com as escolas, que o nosso objetivo era educação, então ficaria muito mais fácil da gente penetrar nesses espaços, por isso que “Associação Cultural Zumbi”, mas por trás a gente tinha toda uma estratégia de trabalhar o racismo.¹²

Deveria a ACZ estar ligada a alguma entidade político-partidária para que suas ações tivessem cunho político-social? Deveria ter incorporado uma postura mais desafiante diante do governo? Essas provocações serão analisadas a partir das fontes, que delineiam as ações da entidade e suas possíveis consequências na sociedade brasileira e alagoana.

¹² Acervo NEABI/UFAL (podcast). A universidade Federal de Alagoas e a ditadura militar. 2024, 30 minutos.

No panfleto intitulado “Associação Cultural Zumbi, liberdade e democracia racial”, os integrantes escrevem sobre o que é a ACZ: “A Associação Cultural Zumbi surgiu da necessidade dos negros alagoanos organizarem-se para combater a discriminação racial em nosso Estado, visando à valorização do homem negro.” No mesmo panfleto, elenca os seguintes objetivos da associação:

- lutar contra todas as formas de discriminação do homem alagoano, principalmente do negro, integrando-o na sociedade brasileira.
- desenvolver, junto aos negros alagoanos, a busca da identidade negra e de seus valores culturais.
- fazer um levantamento cultural entre as comunidades negras de Alagoas.
- conscientizar a comunidade alagoana da importância de ZUMBI para a libertação do negro brasileiro.¹³

A forma peculiar com que o racismo estrutura a sociedade brasileira, torna inviável a integração de pessoas negras nessa mesma estrutura. É necessário que mudanças na sociedade sejam feitas para que, assim, o preconceito racial tenha em alguma medida uma diminuição, possibilitando a existência desses indivíduos. Segundo Silvio Almeida, o racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém, o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis;” (Almeida, 2019, p.33).

Nota-se a utilização do termo “integrar” no folheto, entretanto, o movimento negro contemporâneo, a partir da reabertura política, substituiu de forma expressiva o termo “integração”, mas no período de criação da entidade ele ainda era muito utilizado. No folheto, o termo vem acompanhado do desejo de “lutar contra todas as formas de discriminação do homem alagoano, principalmente do negro” e acima diz que pretendem “organizarem-se para combater”, o que significa tentar mudar uma das bases da sociedade, o racismo, caracterizando uma posição de combate e enfrentamento.

As aspirações em relação à conscientização da sociedade alagoana sobre a história do Quilombo dos Palmares será uma constante. A maioria dos integrantes da ACZ estava ligada à educação, e a atuação do grupo junto ao recém-criado CEAB (1980) direcionou os

¹³ Acervo NEABI/UFAL (folheto). Associação Cultural Zumbi: liberdade e democracia racial. Maceió-AL, S/D, 4 páginas.

trabalhos a duas temáticas: tombamento da Serra da Barriga (e para isso realizaram uma série de eventos e discussões sobre o Quilombo dos Palmares) e um trabalho educacional nas escolas do estado. As aspirações do grupo se misturavam na prática de suas ações, uma vez que para o Tombamento da Serra da Barriga era necessário um aprofundamento teórico na história do Quilombo dos Palmares, para a construção de um plano de manejo e a conscientização de palmarinos (moradores de União dos Palmares) acerca da temática.

3.2 I Simpósio Nacional sobre Quilombo dos Palmares (1981)

Partindo para as ações realizadas ou protagonizadas pelos integrantes da ACZ, no já citado “I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares”, foi palco de grandes discussões acerca da importância do Quilombo dos Palmares para os negros brasileiros e sobre diversas outras questões da população negra. O simpósio contou com a participação de grandes nomes no MN nacional, como: Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Hamilton Cardoso, Zezé Mota e entre outros.

Em uma mesa no dia 18 de novembro de 1981, Zezito de Araújo fez um discurso sobre a formação do Memorial:

Se vocês me perguntarem “o que você faz aí Zezito?” ou mesmo Joel que está aqui ao meu lado e os companheiros de cor, eu respondo que nós estamos fazendo parte de uma turma de negros privilegiados nessa sociedade, mas o negro que precisa ser ouvido, esclarecido para assumir sua identidade, que Lélia acabou de falar, foi esquecido! Não queremos aqui trazer os negros de todo o Brasil, da periferia, da “palha da cana”, não. Estamos falando de uma representação de um negro, seja ele da escola de samba “Unidos do Poço” daqui da Treze de Maio ou coisa que o valha, este sim é aquele que está aqui para sentir o problema e levar para o seu grupo, é uma valorização dessa que o negro precisa! Ou será que o negro vai continuar a ser estudado, como disse Nina Rodrigues (?), em “forma de laboratório”? Já está na hora da gente parar! não estou aqui invalidando todo este trabalho desenvolvido, mas estou chamando a atenção para este detalhe, então, é necessário que pense no negro, aquele que necessita da compreensão, e não na forma paternalista que sempre nos trataram até hoje! Não precisamos de paternalismo mais, Zumbi deu esse exemplo! ¹⁴

Nesse momento de sua fala, Araújo demonstra seu olhar crítico diante da formatação daquele evento. Mesmo sendo uma grande vitória do movimento negro estar na UFAL discutindo sobre o Quilombo, a maioria dos negros alagoanos não estavam sendo representados ali. Além disso, rejeita a ideia de deixar que outras pessoas, que não pertencem a comunidade negra, sigam os estudando.

¹⁴ ACERVO NEABI/UFAL (áudio). Significado de Palmares para os Negros Brasileiros. 18/11/1981, parte 2, fala de Zezito de Araújo.

A historiadora Beatriz Nascimento, intelectual do MN contemporâneo, em seu texto “Por uma história do homem negro”, discorre sobre historiografia brasileira e as problemáticas que envolvem os estudos da população negras por somente pessoas brancas. Segundo a autora, “As manifestações preconceituosas são tão fortes que, por parte de nossa intelectualidade, dos nossos literatos, dos nossos poetas, da consciência nacional, vamos dizer, somos tratados como se vivêssemos ainda sob o escravismo.” (Nascimento, 2021 p. 36).

O afastamento de pessoas negras da escrita histórica fez com que a maioria dos escritos sobre o tema paralisassem esse grupo no período escravocrata, tratando-os como “escravos”, como se a condição a que foram submetidos os resumisse. Ademais, muitos teóricos partindo das teorias acerca de embranquecimento da população e desaparecimento das pessoas negras no Brasil, dessa forma justificavam o não estudo da população negra sob novas perspectivas, os “condenando” à escrita de uma história única e estática. Um dos autores pioneiros do estudo sobre raça do Brasil, já citado neste trabalho, Gilberto Freyre, segue uma linha de raciocínio análoga, nas palavras de Nascimento, quando comenta sobre o fato que lhe marcou:

[...] um professor de geografia, discorrendo sobre a etnia brasileira baseando-se na teoria do lusotropicalismo de Gilberto Freyre, disse: “O Rio de Janeiro era, no início do século, uma sociedade impossível de se viver, só tinha pretos”. Adiante, comparando a questão racial dos Estados Unidos com a do Brasil: “No Brasil não existe racismo, porque a miscigenação sempre existiu e continuará existindo, não vamos ter conflitos porque o negro tende a desaparecer”. (Nascimento, 2021 p. 36).

A teoria do embranquecimento é somente uma das formas de negar a história e resistência da população negra. Nascimento traz outro exemplo e o caracteriza como uma das piores agressões que sofreu por parte de um intelectual branco: “Disse-me ele que era mais preto do que eu por ter escrito um trabalho sobre religião afro-brasileira, enquanto eu não usava cabelo afro nem frequentava candomblé.” (Nascimento, 2021, p.37). E deixa o seguinte questionamento:

Os artistas, intelectuais e outros brancos, diante da crise do pensamento e da própria cultura do Ocidente, voltam-se para nós como se pudéssemos mais uma vez aguentar as suas frustrações históricas. É possível que agora, no terreno das ideias e das artes, continuemos a ser “os pés e as mãos” desta sociedade ocidental?[...] Me pergunto que ideologia absurda é essa, dessas pessoas que querem tirar minha própria identidade (Nascimento, 2021, p. 38-39).

Essas indagações são uma ótima “lupa” para analisar as propostas de tombamento da Serra da Barriga em Alagoas. Afinal, qual a intenção das pessoas que compõem os órgãos que pretendiam transformar a Serra da Barriga em ponto turístico? Existe mesmo tamanha importância nesse espaço que justifique a luta da ACZ por discussões acerca da história do Quilombo e do deveria ser feito naquele espaço? Durante o I simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares essa questão foi pontuada.

Quando se pergunta “a importância de Palmares para o negro Brasileiro?”, a resposta está dada. Palmares, através de seu general Zumbi – no início da nossa história –, foi o exemplo e símbolo que hoje fica para que a gente permaneça desligado, que não haja mais uma mão estendida em forma paternalista. O negro brasileiro, através do memorial Zumbi, através dos movimentos negros existentes em todo Brasil, ele vai deixar de ser um subserviente dessa sociedade[...].¹⁵

No estado de Alagoas, diversas tentativas de invalidação e apagamento desse espaço de resistência ocorreram ao longo do tempo. Segundo Danilo Marques, mesmo após a guerra, o Quilombo dos Palmares mantém uma relação sólida com a história da formação da Província de Alagoas no século XIX. Assim, o espaço alagoano foi moldado sob a influência simbólica de Palmares, sendo que as elites se valeram de um discurso negativo em relação aos aquilombados da Serra da Barriga. Essa narrativa foi reforçada na memória local através de uma educação oficial que celebrava a vitória das forças contrárias aos quilombos (Marques, 2015,p.1).

A propagação da história "oficial" produzida pelas classes dominantes é potencialmente perigosa. Segundo a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a história única e o poder estão intrinsecamente ligados. O poder reside na capacidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas também de contá-la de forma incompleta. Já a importância disso reside nas consequências de sua disseminação. Dessa forma, “as histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (Adichie, 2009, p.16). Dito isso, apesar das tentativas de criminalizar e desacreditar o potencial do Quilombo dos Palmares, a memória de Palmares permanece, até mesmo em algumas práticas culturais. Está presente “na música, na teatralidade, na dança e na oralidade da prática cultural Quilombo”, por exemplo. (Marques, 2015, p.12).

¹⁵ ACERVO NEABI/UFAL (áudio). Significado de Palmares para os Negros Brasileiros. 18/11/1981, parte 2, fala de Zezito de Araújo.

A ressignificação do Quilombo dos Palmares como símbolo de liberdade na história do povo brasileiro é uma das características mais marcantes do MN contemporâneo. Esse processo ganhou força quando as reivindicações pelas comemorações de 20 de novembro começaram a surgir. A experiência Palmarina tornou-se um exemplo de resistência para o MN alagoano, dada sua potencialidade e representatividade. Com o intuito de destacar essas características e de afastar o "paternalismo" da história oficial, que se esforça para manter as pessoas negras em condições subalternas, surgiram indagações sobre a substituição das comemorações do 13 de maio pelo 20 de novembro.

Essa postura de negação ao paternalismo não passou despercebida pelos ditadores que acompanhavam o I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares, onde o MN alagoano também pontuava tal questão. No relatório apresentado como resultado dos debates, pelo Sistema Nacional de Informação (SNI), consta que: “Os pronunciamentos efetuados no transcorrer do evento estiveram sempre voltados para o aspecto da valorização cultural da raça negra, admitindo-se, na oportunidade, a existência do racismo, pregado abertamente no BRASIL”.¹⁶

Existe uma importância no marco da abolição da escravidão, entretanto, o seu contexto e o que veio como consequência à construção sobre essa data, merece questionamentos. Após séculos de escravidão a abolição da escravidão no Brasil, a “liberdade” após 13 de maio de 1888 não vem acompanhada de políticas de reparação ou integração desses indivíduos na sociedade. Por isso, as pessoas negras que foram submetidas a violências escravocratas são direcionadas a trabalhos e moradias precárias, o Estado brasileiro estava conscientemente se ausentando de sua responsabilidade com essa população, quando permitia, sem omissão, que a população negra ficasse às margens da sociedade.

Dessa forma, o 13 de maio de 1888 não significou necessariamente a liberdade das pessoas negras, pois estavam em condições de subcidadania. Em Alagoas, o pós-abolição é marcado pela violência acometida aos chamados “vadios”, condição em que se encontravam os recém-libertos, “casos de vadiagem em Alagoas aparecem nas páginas dos

¹⁶ BRASIL.Sistema de Informações do Arquivo Nacional.SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981.

noticiários da época sempre por um viés desclassificatório e tenaz, o que revela uma realidade social de extrema pobreza. Esta seria a caracterização quase sempre inerente ao vadio.” (Barbosa, 2023, p.2).

A própria conquista da abolição está entrelaçada em uma ideia de concessão deste fato pela princesa Isabel. A promulgação da Lei Áurea não foi impulsionada pela humanidade e heroísmo da princesa Isabel e dos políticos da época. Sua aprovação foi resultado de um longo processo marcado por intensa luta, pressão interna e externa, além da crescente inviabilidade econômica do regime escravagista. Essa narrativa frequentemente negligencia as problemáticas dos pós-abolição. Por isso, o 13 de maio foi contestado pelo MN contemporâneo que se organizou na década de 1980 em Alagoas junto à ACZ. Por que comemorar uma data que não significou a liberdade integral da população negra? Se teríamos no Quilombo dos Palmares e na figura de Zumbi um verdadeiro exemplo de liberdade? Segundo o Joel Rufino, em áudio de 1981, Palmares é o exemplo máximo para o povo negro:

Palmares significa para nós uma série infindável de coisas belas, de coisas profundas, de coisas significativas, Palmares significa para nós, por exemplo, o exemplo máximo de resistência ao colonialismo ibérico. Não houve na história do nosso país, como é sabido uma resistência de tão longa duração, uma resistência que tivesse percorrido tantos caminhos, que se tivesse coberto de tanta heroicidade, quanto Palmares. Pois bem, Palmares significa isso para nós¹⁷.

Doravante, é possível notar que o MN alagoano estava empossado de um discurso de valorização da cultura negra e na busca por uma verdadeira democracia racial através do exemplo que foi dado pelo Quilombo dos Palmares e seu líder mais conhecido, Zumbi dos Palmares. No mesmo folheto onde foram descritos os objetivos da ACZ, propõe-se responder a seguinte questão:

Quem foi Zumbi?

Em toda história dos Palmares, várias figuras se fizeram destacar pela coragem e heroísmo com que combateram as forças inimigas. O mais importante entre esses heróis foi ZUMBI, chefe principal do Estado Negro, herói de nossa gente.

Reunir-se-ão nesta data, milhares de irmãos nossos na Serra da Barriga, União dos Palmares-AL, para comemorar o primeiro Grito de Liberdade ouvido neste país e ao maior herói dos negros brasileiros, Zumbi. Haverá cultos, devoções e expressões culturais da arte negra.

- 20 de novembro comemora a vitória da morte sobre a vida;
- Da liberdade sobre a escravidão;

¹⁷ NEABI UFAL. (2023). IV COPENE Nordeste - CHAMADA [Vídeo]. YouTube. Disponível em: https://youtu.be/W40lwnM7ESY?si=rWvSgaE3KT330_OJ

- Da democracia Racial sobre o Racismo.”¹⁸

Com base nessas ideias, os militantes do MN em Alagoas se colocaram contra a proposta inicialmente apresentada para o manejo da Serra da Barriga e criaram o Memorial Zumbi, a partir do que foi discutido no Simpósio em 1981, com o objetivo de pressionar os órgãos que promoveriam o Tombamento naquele local. Dessa forma, pensou-se em construir, na Serra da Barriga, um complexo monumental que funcionasse como um ponto de convergência para os movimentos negros democráticos, um centro de pesquisa e um museu dedicado à influência do povo negro na construção social, política, econômica e civilizatória do Brasil (Santos, 2008, n.p).

Segundo folheto da ACZ, o Memorial Zumbi foi uma das estratégias que a comunidade negra construiu para dar continuidade ao espírito de luta de Zumbi, com vários objetivos, mas entre eles “Tornar a Serra da Barriga em local pertencente de peregrinação e encontro de todos os brasileiros que lutam, sem preconceitos, pela democracia.”¹⁹ Nesse sentido, os áudios do I Simpósio Nacional Sobre Quilombo dos Palmares e o folheto produzido pela ACZ na década de 1980, trazem à tona uma nova perspectiva acerca da atuação do grupo. Alagoas torna-se ponto de encontro para o MN nacional e a construção do Memorial Zumbi será ponto de convergência das ideias e reinvenções desses militantes.

Essas fontes utilizadas evidenciam o enfrentamento diante da ideia de democracia racial imposta pela Ditadura Civil-Militar e o desejo de mudanças exigidos, mesmo diante do contexto historicamente conservador do estado de Alagoas. As próximas páginas serão dedicadas à compreensão dos conflitos entre os planos de manejo para Serra da Barriga, a história da ACZ e à luta pela redemocratização do país. Entendemos que esses movimentos irão se entrelaçar ainda mais, tendo em vista a aproximação de um período de maior autonomia e liberdade para protestos.

¹⁸ Acervo NEABI/UFAL (folheto). Associação Cultural Zumbi: liberdade e democracia racial. Maceió-AL, 4 páginas.

¹⁹ Idem.

4. O Quilombo dos Palmares e a Serra da Barriga: uma história em disputa.

Como citado anteriormente, no I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, realizado entre 16 e 20 de novembro de 1981, na Universidade Federal de Alagoas, é criado o Memorial Zumbi, espaço de discussões acerca do projeto de tombamento da Serra da Barriga em União dos Palmares, “Durante o evento, o movimento social negro protagonizou uma série de discussões e reivindicações em relação ao processo que viria ser o Memorial Zumbi e posteriormente resultaria no tombamento da Serra da Barriga, em 1985.”(Duarte,2022,p.15). Dessa forma, sendo a ACZ e o NEAB-UFAL, compostos majoritariamente por alagoanas e alagoanos, o grupo acabou por organizar a vinda dos militantes de outros estados, a logística com os políticos locais e os espaços de execução das reuniões.

Participaram do referido simpósio e da construção do Memorial Zumbi diversos intelectuais brasileiros além dos integrantes da ACZ, alguns deles são: Décio Freitas (jornalista e historiador), Lélia Gonzalez (filósofa e antropóloga), Joel Rufino dos Santos (historiador), Clóvis Moura (sociólogo), Zezé Motta (atriz), Carlos Santos (Deputado Federal), Hamilton Bernardes Cardoso (Jornalista). Em resposta a essa movimentação, o governo ditatorial acompanhou o Simpósio e as movimentações de alguns dos militantes que participaram do evento, isso pode ser observado a partir dos relatórios que serão produzidos pelos militares durante do período e fornecidos para o Serviço Nacional de Informações²⁰, a fim de acompanhar as discussões e verificar se havia manifestações contra o vigente sistema. Segundo o relatório:

Realizou-se no período de 16 a 20 NOV 81, em MACEIÓ/AL, no auditório "GUEDES DE MIRANDA", da Reitoria da UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL), o "I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE O QUILOMBO DOS PALMARES", promovido pelo CENTRO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIRO DA UFAL e pelo Projeto ZUMBI.²¹

Os comandantes militares locais, que foram representar o Estado ao se encaminharem para a mesa do dia 16/11/81 foram vaiados, assim como alguns políticos. Segundo o relatório, essa movimentação se deu pela presença de muitos alunos que faziam parte do Diretório Central Estudantil (DCE) da UFAL, eles só se contiveram após

²⁰BRASIL.Sistema de Informações do Arquivo Nacional.SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981.

²¹BRASIL.Sistema de Informações do Arquivo Nacional.SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981.

intervenção do reitor, fazendo com que o evento seguisse sem que isso ocorresse novamente. (Brasil, 1981, n.p.)

O historiador Décio Freitas realiza uma conferência no dia 17/11/81, a partir do relatório obtemos um resumo daquilo que foi discutido. O mesmo trouxe seus estudos acerca do Quilombo dos Palmares, caracterizando-o como um “quilombo agrícola” e fazendo uma crítica à dificuldade com as fontes palmarinas, descreve as dificuldades e custos para achar as fontes e explica que a maioria foi produzida pelos colonizadores e descreviam a guerra que se armou contra o Quilombo.

Vencidas estas dificuldades, outra ainda mais grave se apresenta: não há nenhum, absolutamente nenhum documento, produzido pelos próprios palmarinos. O historiador lida com documentação produzida apenas pelos inimigos dos palmarinos - nós. Deste modo, trata-se de uma história indireta. Ela é mais entrevista do que vista; como se espiassemos através de um buraco de fechadura. . . O velho problema em que esbarram os historiadores, o da falsidade ideológica da documentação, apresenta-se aqui agravado e multiplicado. “(Brasil, 1981, n.p.)

Nos dias seguintes (18 e 19/11/1981), o evento prosseguiu com foco na organização do “ Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi”. As atividades incluíam comunicação de outros membros do conselho, produção de relatórios, propostas de novos sócios, sessão aberta, entre outras. No dia 20/11/1981 foi feita a peregrinação à Serra da Barriga, no mesmo local foi celebrada uma missa pelo Arcebispo Dom José Maria Pires, da Paraíba. Ali, “foi erigido um marco do Memorial ZUMBI, com a seguinte inscrição: "Neste local, deverá se erguer um pólo de luta pelo direito e pelo resgate dos heróis negros que dignificaram este País". Além disso, os membros do Memorial Zumbi afirmaram que a tornariam “Capital do Estado Negro e Democrático de Palmares, um local permanente de peregrinação e encontro de todos os brasileiros que lutam, sem preconceitos, pela democracia". (Brasil, 1981, n.p.).

Além dos militantes, professores e representantes de movimentos sociais, houveram diversos embaixadores de países africanos: Kasasa Cinyanta - Emb. do Zaire, Charles Providence Gomis - Emb. Costa do Marfim, Victor Magnagna - Emb. Gabão, Kwasi Asante - Emb. Gana, Simon Senghor - Emb. Senegal, Djababou Nana - Emb. Togo” (Brasil, 1981, n.p.). Estão descritas no relatório toda programação da Semana Zumbi, a maioria das mesas e conferências estão empenhadas a discutir as questões acerca do que foi e como organizou-se o Quilombo dos Palmares. Após a semana Zumbi, houve a missa do Quilombo, realizada no dia 22/11/1981 e levaria a maioria dos participantes a

Recife-PE, para realizar a celebração, em uma das páginas do relatório está anexado o convite, que diz:

No dia 20 de novembro de 1981 comemoramos o 286º aniversário do marlório de Zumbi, um dos lutadores negros da história do Brasil. Esse dia que se celebra cada ano se chama : -DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA²² - .

Ao lado está a seguinte afirmativa: “Os quilombolas sempre foram perseguidos. Mas os quilombolas sempre resistiram por meio da luta e por meio da religião que era a católica.”. Essa afirmação e a realização de celebrações cristãs demonstram uma característica que será revertida com o passar dos anos - a ausência de manifestações religiosas de matrizes africanas ou indígenas- ainda assim, deve-se destacar que essa afirmativa vai contra os fatos históricos, já que nos Quilombos os negros/as e indígenas conseguiam propagar sua cultura de origem, que não era a cristã.

Na última página do relatório, está anexado o convite para a missa do dia 20, a que foi realizada na Serra da Barriga, neste a fala destaca a violência por meio do batismo: "Estamos chegando da cruz dos engenhos estamos sangrando a cruz do batismo, marcados a ferro nós todos, viemos gritar"(Brasil, 1981, n.p.). Esses convites e materiais que estão anexados no relatório não possuem a autoria de produção, entretanto, sabe-se que foram produzidos pelos membros do MN da época que estavam participando da organização dos eventos. Essas ambiguidades, demonstram as possíveis divergências internas que são características comuns aos movimentos sociais, esses são os primeiros indícios das diferentes visões que existiram e existem.

Como lembra José D’Assunção Barros, as fontes históricas, na maioria dos casos, possuem intencionalidade. No caso dos relatórios produzidos pelo governo há uma evidente intenção de controle que deve ser considerada, pois “ a intencionalidade", ou não, de uma fonte traz implicações relacionadas à posição ideológica de seus autores” Barros, José. 2012,p.140). Nesse caso, a própria presença dos que produziram essa fonte podem ter promovido reações nos fatos que aconteceram na I Semana Zumbi.

Barros propõe ainda que existem algumas características comuns aos tipos de fontes. Assim, “fontes literárias e realistas” pretendem de alguma maneira falar e tratar da realidade, mas não são totalmente ficção ou realidade. No caso da temática deste trabalho,

²²BRASIL.Sistema de Informações do Arquivo Nacional.SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981

os jornais que produzem conteúdos sobre o MN que se organiza em Alagoas e a Associação Cultural Zumbi irão proporcionar a visão dos fatos históricos a partir de “outros olhos”, a partir desses jornais será possível acessar registros iconográficos e depoimentos de militantes que estavam inseridos nesse contexto.

Alguns jornais vão noticiar acerca da atuação do MN em Alagoas, o I simpósio vira manchete do jornal “Correio Brasiliense” ainda em 1981 em matéria intitulada “Memorial para Zumbi”. A matéria explica que a antiga ideia de “restaurar a memória de Zumbi finalmente será concretizada” e explica que isso será realizado pela UFAL, órgãos do governo federal e pela comunidade negra local e nacional. O jornal confirma a informação trazida pelo relatório do SIAN acerca da organização do Conselho Geral que irá presidir os trabalhos para construção do Memorial Zumbi. Segundo a matéria:

A convocação para o encontro em Maceió, quando serão eleitos os membros do Conselho Geral que se encarregará da elaboração do projeto e dos estudos de sua viabilidade, foi decidido por uma comissão plenária composta por representantes de várias comunidades negras, em Brasília. Entretanto, segundo explicam os membros da comissão, tudo partiu de um seminário realizado em agosto, na capital alagoana. “Na época, as reuniões plenárias aprovaram resoluções que visavam à criação do Parque Histórico Nacional de Zumbi. E o reitor da Ufal, João Azevedo, tentou levar a ideia avante”, explicam eles.

Mas a ideia da criação de um parque foi logo mudada, por sugestão dos membros da comunidade negra de Alagoas, pois eles chegaram com o nome “Parque” poderia distorcer totalmente os objetivos de que deverá ser um verdadeiro pólo de uma cultura de libertação do negro. Então, o projeto passou a ser o Memorial Zumbi, a ser desenvolvido na Serra da Barriga, no município de União dos Palmares, local do histórico Quilombo dos Palmares²³.

A mudança do nome do memorial que seria realizado vai além da semântica da palavra parque. O Memorial Zumbi, pretendia manter na Serra da Barriga o legado palmarino, sendo um ponto para o povo negro. Nesse sentido, Joel Rufino dos Santos, militante negro e membro do conselho, escreve em seu texto “Memorial Zumbi- conquista do Movimento negro”, onde ele elenca as principais conquistas do Memorial zumbi: a consagração da peregrinação à Serra da Barriga, a revelação da documentação sobre a história do Quilombo dos Palmares e o aumento significativo da sensibilização da sociedade brasileira em relação à questão do negro.

O autor compreende que o MN foi vencedor em levar a questão negra para o debate nacional e afirma que o Memorial Zumbi teve grande contribuição nesse sentido:

²³ Correio Brasiliense.Memorial para Zumbi.Brasília 28/11/1981.

Memorial Zumbi contribui enormemente para tal sensibilização nesses últimos dez anos. Primeiro, porque ao consagrar a peregrinação à Serra da Barriga no dia 20 de novembro o movimento negro virou notícia, promoveu o debate sobre o papel do negro na sociedade brasileira, na formação histórica do país, demonstrando que é impossível contar a história do Brasil, os quatro quintos de seu tempo histórico em que durou a escravidão, sem compreender a gesta de Palmares, a epopéia palmarina. Ou seja, Palmares é a chave para a compreensão da história social brasileira, e foi precisamente o Memorial Zumbi que demonstrou esse fato. (Rufino, 1989, s.p).

Por isso, compreender a organização, composição e as articulações do Conselho Memorial Zumbi, torna-se indispensável. No conselho serão reunidos a partir da I semana Zumbi e do I simpósio Nacional sobre Quilombo dos Palmares em 1981 os MN de Alagoas, especialmente a ACZ e o NEABI, e organização do MN nacional. Além disso, os membros faziam parte de diversas áreas do conhecimento, sociólogos, historiadores, arquitetos, artistas, entre outros. Reunidos com a possibilidade de construir um Memorial que fizesse jus à importância dos aquilombados palmarinos.

Retornando à matéria do “Correio Brasiliense”, Dulce Maria, mulher negra que já presidiu a Fundação Cultural Palmares e ex-diplomata brasileira, aparece pela primeira vez diante das fontes pesquisadas no presente trabalho. Dulce Maria aparece na foto ao lado de três homens, um deles é Zezito de Araújo, subentende-se a partir da matéria que trata-se de uma foto tirada em Alagoas em 1981, durante a construção do Memorial Zumbi.

Na entrevista que concedeu ao jornal, Dulce Maria irá reforçar a importância da divulgação ampla desse evento (criação do Conselho e Memorial) e considera fundamental a participação de todas as pessoas interessadas, especialmente de entidades e indivíduos que atuam em prol da população negra e de suas causas no Brasil. Ela convida a comunidade em geral a contribuir com ideias e sugestões, mas explica que existem dificuldades e, nesse sentido, faz uma declaração corajosa acerca das dificuldades enfrentadas na execução do Memorial e tece uma crítica à postura do vigente governo:

Na opinião dos membros da comissão há muita dificuldade para divulgação dos encontros que se têm realizado neste sentido, por parte dos meios de comunicação. “Existe até mesmo uma manipulação das informações”, observa Dulce, acrescentando: -Parece que há um interesse do governo em manipular os dados referentes à realidade do negro no País. Esta manipulação ocorre também em cima dos movimentos e somente têm o objetivo de promover a política governamental, diz ela²⁴.

Ainda sob o governo do último militar, João Figueiredo, os militantes negros que participaram do processo de tombamento da Serra da Barriga assumiam uma postura de

²⁴ idem

enfretamente daquela realidade e sofriam as sanções e perseguições por parte do governo. Diante desse contexto, a figura de Zumbi e a representação do Quilombo dos Palmares vão fornecer (mais uma vez) um exemplo e ponte para o movimento negro. Sendo assim, os objetivos do Memorial Zumbi, destacados na matéria pelo arquiteto Max Luterma da UFAL, são:

Promover humana e socialmente as massas de origem africana e de todos os segmentos oprimidos do país; exigir a devolução à comunidade afro-brasileira da riqueza que ela criou e que lhe foi usurpada; resgatar a memória de Palmares e da comunidade afro-brasileira como base de luta; exigir do sistema oficial de ensino a correção dos currículos escolares, omissos e injustos com a comunidade afrobrasileira, constitui-se em um ponto de concentração dos movimentos negros do país e do exterior; constituir um tribunal anti-racista para julgamento dos casos de discriminação; fazer respeitar as religiões afro-brasileiras; promover a participação do negro em todos os níveis de decisão do País; reguardar juridicamente os direitos humanos da comunidade afro-brasileira, tais como: posse de terra, integridade física e oportunidade de emprego; solidarizar-se com todos os movimentos negros internacionais, assim como os de todos os povos oprimidos ; reconhecer , em especial, o papel e os direitos da mulher negra: exigir o reconhecimento dos direitos do menor abandonado, em sua maioria, negros²⁵.

Assim, o Memorial Zumbi se tornou a materialização das ideias de uma considerável parte do MN contemporâneo brasileiro, incluindo a ACZ, acerca do tombamento da Serra da Barriga em União dos Palmares-AL, isso abarcava seus desafios e conflitos internos, alguns deles serão pontuados ao longo deste trabalho . Essa mobilização foi uma resposta do MN à ideia de transformar a Serra da Barriga em um ponto meramente turístico.

4.1 O Projeto União

O Projeto União foi desenvolvido por Edson Moreira da Silva²⁶, com o apoio da prefeitura de União dos Palmares, essa iniciativa era diferente da proposta inicial do governo federal com o Projeto Rondon (já destrinchada nesse trabalho), e tentava ir além do turismo, porém, também não estava alinhada com as questões trazidas pela Associação Cultural Zumbi e pelo Movimento Social Negro que se reunia em Alagoas. O citado documento encontra-se no acervo físico do NEABI-UFAL e contém cerca de 65 páginas, buscava-se, com essa iniciativa, viabilizar o apoio do Estado e governo de Alagoas no tombamento da Serra da Barriga, segundo a proposta fornecida. Na página três do

²⁵ idem

²⁶ Edson Moreira é professor, teólogo e pós-graduado em Ciência da Religião e trabalha ativamente na luta pelo reconhecimento da história do Quilombo dos Palmares e pela história negra do estado de Alagoas.

documento, teremos um texto indicando o apoio de George Alakija²⁷ àquele documento, sendo ele descrito como: “Comendador da Ordem do Rio Branco (agraciado em 1977)”.

Um dos anexos iniciais é uma matéria de jornal da “Gazeta de Alagoas” datada de 13/07/1983, intitulada “Projeto vai exaltar o quilombo dos Palmares”, a matéria diz:

Segundo Edson Moreira da Silva, "o Projeto União tem as suas raízes fundamentadas na envergadura do movimento ocorrido em União dos Palmares, onde os negros se amotinaram em prol da liberdade. Onde negros, brancos e índios formaram o maior Quilombo da História Brasileira. Elaboramos este Projeto, com bases em uma das mais belas histórias páginas da nossa história. [...] Este projeto trará grandes benefícios à comunidade palmarina, ao Estado de Alagoas, bem como à cultura Brasileira, trazendo frentes de trabalho para uma comunidade carente e transformando União dos Palmares em um centro turístico."²⁸ (Gazeta de Alagoas, 1983)

Identifica-se, desde o nome do referido documento, uma ligação forte entre o Projeto União de homenagem ao Quilombo dos Palmares e a cidade de União de Palmares. Obviamente, que essas duas temáticas são indissociáveis, entretanto, não são únicas, afinal a própria extensão territorial do Quilombo ultrapassou a região em que hoje é localizada a Serra da Barriga. Trata-se de um local de salvaguarda da cultura africana e afrobrasileira de importância e relevância nacional, que por esse motivo não eram de interesse apenas da cidade de União dos Palmares. Não por acaso, é que teremos a presença de representantes de todas as regiões do país e de embaixadores do continente africano na construção do Memorial Zumbi. Ainda nas primeiras páginas teremos o seguinte texto:

Todo e qualquer projeto existente e / ou que venha a ser implementado na cidade de União dos Palmares que se relacione ao / movimento dos quilombos e a cultura negra deverá ser incorporado a este projeto (oficial da nossa cidade) para maior desempenho e ao mesmo tempo para o enriquecimento da cultura negra. Aqui não se cogita o individualismo e sim a edificação cultural de nossas raízes.²⁹ (Projeto União. 1983, p.9)

Estavam nomeados no Projeto União diversos políticos de Alagoas, entre eles: Divaldo Suruagy, Douglas Apratto Tenório, Rosiber de Oliveira Melo, Manoel Gomes Barros, Fernando Collor de Mello e outros. Entre os professores estão citados: Maria Mariá de Castro Sarmiento, Mrianise Bento Holanda, Zezito de Araújo e outros. Além disso, alguns grupos e empresas são citadas: Conselho estadual de Educação, Memorial Zumbi e Embaixadas Africanas-Brasília/BF.³⁰ (Projeto União. 1983, p.10). Sendo esse

²⁷ Psiquiatra baiano e político que teve grandes contribuições à área médica através de conferências e artigos especialmente sobre a psiquiatria e a hipnose publicados em revistas científicas.

²⁸ Gazeta de Alagoas. Projeto vai exaltar o quilombo dos Palmares, 13/07/1983.

²⁹ ACERVO NEABI/UFAL (documento). Projeto União. Caixa 06, 65 páginas.

³⁰ idem

projeto um documento produzido com suas intencionalidades, bem como as fontes históricas de um modo geral, cabem alguns questionamentos. As pessoas citadas não assinaram o documento, dessa forma, não se deve afirmar sua participação na elaboração. A proposta inicial de torná-lo o único projeto que deveria ser executado, leva a questionar se não foi feita apenas a inclusão dos nomes de grupos, políticos e professores que estariam envolvidos ativamente nas discussões acerca do Tombamento da Serra da Barriga.

Fica evidente que o projeto citado vem para reivindicar o protagonismo da cidade de União dos Palmares e é apoiado e defendido pelos políticos da cidade e do estado. Afinal, não seria possível que esses representantes das elites locais ficassem parados ao observar o MN se movimentar e protagonizar essas discussões. Todavia, o projeto é assinado por Edson Moreira, (que apesar de não ter aparecido nas fontes analisadas nesse trabalho, junto MN e a ACZ) integrou e ainda integra o Movimento Social Negro e tem uma grande importância para o estado de Alagoas.³¹ Lélia Gonzales reflete sobre a diversidade presente no MN, segundo a autora: “falar do Movimento Negro implica no tratamento de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária.” (Gonzales, 1982 p.18), e afirma, referindo-se à utilização do termo “movimento negro” (no singular) “porque está apontando para aquilo que os diferencia de todos os outros movimentos, ou seja, a sua especificidade.”(Gonzalez, 1982 p.18).

As justificativas do documento são voltadas à história do Quilombo dos Palmares, “um grande projeto em termos de Cultura, tendo como palco a Cidade de União dos Palmares, local onde se desenvolveu o maior movimento negro do país, tendo como martir, Zumbi”. Entre os objetivos do material, estão: “Transformar a cidade de União dos Palmares numa imaculada cidade para a raça-negra, como Meca, para os mulçumanos, Nova Deli, para os indianos e Roma, para os católicos de todo o mundo.” (Projeto União, 1983,p.12). As metas aparecem em seguida e oferecem uma melhor visualização do que se esperava com esse documento, algumas delas são:

[...]2.4 Criação de um Centro de Cultura Negra Brasileira, constituído de: 1 Departamento de informação e Documentação com:a Seção de Biblioteca e a Seção de Arquivo; 1 museu de Barro, 1 Museu da Escravidão, 1 Departamento

³¹ Edson Moreira, mantém um museu de sobre história negra em Maceió, nele existem muitas imagens do artista José Zumba, incluindo a famosa imagem de Tia Marcelina, e entre outros artefatos. (MORAIS, 2014)

Folclore Negro, 1 Salão de exposição, 1 Teatro Livre, para apresentações folclóricas.[...]

4.4 Lançamento , no dia 20 de novembro Dia Nacional da Consciência Negra, de selos alusivos a Zumbi, João Cândido, Calabar, José do Patrocínio, Lima Narreto, Ganga Zumba, Castro Alves, Jorge de Lima, Princesa Isabel e os Heróis negros da Guerra do Paraguai.[...]

4.7 Edificação de um Monumento na entrada da cidade, no qual arderá uma chama eterna da liberdade, onde constará uma placa, como os seguintes dizeres:

ESTE É UM SOLO SAGRADO,

ONDE FOI ACESA A CHAMA DA LIBERDADE,

REVERENCIEM-NO, AO PISÁ-LO,

POIS AQUI REPOUSARAM HERÓIS DO PASSADO.³² (Projeto União, 1983,p. 13)

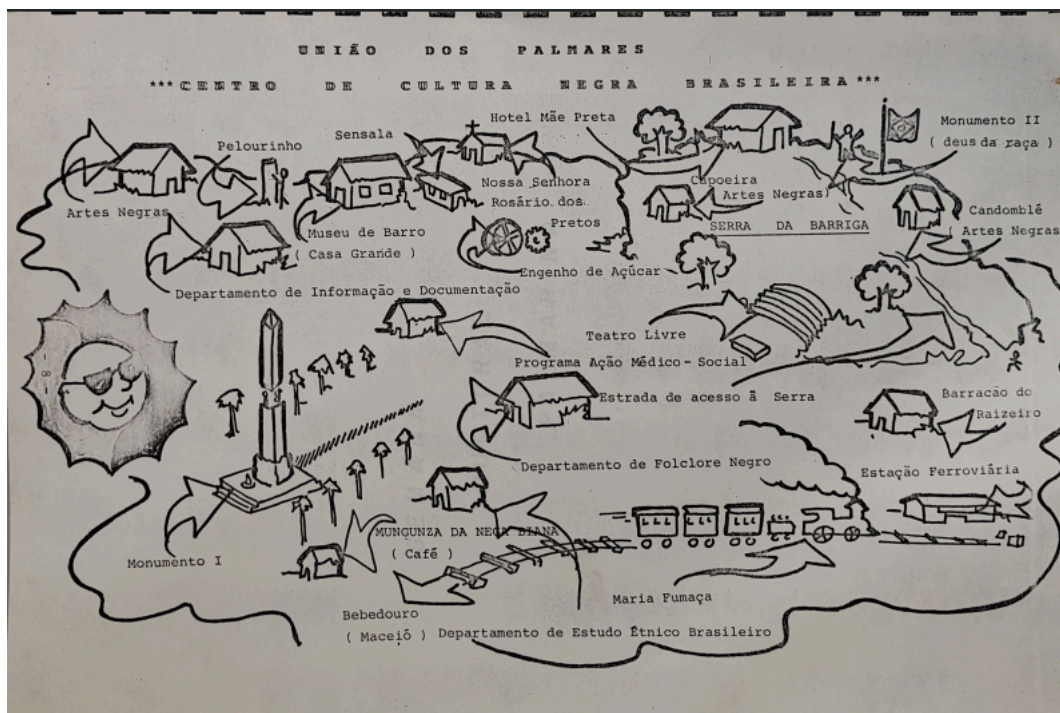
Esse documento, inaugura ideias e pretensões que não faziam parte das discussões da ACZ e MN, segundo as fontes apresentadas. A criação de um museu da escravidão, do departamento de folclore negro e a presença da Princesa Isabel e Calabar entre os homenageados, é o que mais chama atenção. Ao pensar a execução do museu da escravidão, que buscava entre suas realizações trazer artefatos que eram utilizados para açoitarem pessoas escravizadas, diz em sua justificativa:

a comunidade negra não guarda máguas nem rancores da escravidão. Sendo o Brasil, um país formado por índios, brancos e negros, unificamos o misticismo em uma realidade natural, formando um país mulato, amando as mesmas coisas e vivendo sob o mesmo céu. [...] De mãos entrelaçadas, o homem a escravidão sempre estiveram juntos. Assim, aconteceu / antes e depois de Cristo, portanto, defendemos o registro em profundidade do período da escravatura, em nossa história. (Projeto União, 1983, p.27)³³

Posterior a justificativa, nas metas do museu da escravidão, incluíam a construção de uma casa grande “com todas as suas dependências” e a construção de senzalas; construção de uma capela, Pelourinho e a retivação de engenho de açúcar. Na imagem abaixo temos o que se pretendia construir com o Projeto União:

³² ACERVO NEABI/UFAL(documento). Projeto União. Caixa 06, 65 páginas.

³³ idem



(Projeto União, 1983, p. 14)³⁴

O Quilombo dos Palmares foi um espaço de preservação e vivência das culturas africana e afro-brasileira, representando liberdade e resistência. Apesar de reunir brancos, indígenas e negros em um território diverso, sua criação, organização e liderança foram protagonizadas por homens e mulheres negras. Por outro lado, o projeto União não enfatizava esse protagonismo negro e fazia poucas referências à África. Sua proposta visava homenagear “brasileiros”, destacando, de forma recorrente, termos como “mulatos” e “caboclos”, muitas vezes negligenciando a centralidade da luta negra na história de Palmares. Essa abordagem reflete como, em diferentes momentos, narrativas históricas foram moldadas para suavizar ou diluir o papel dos negros na construção de espaços de resistência, como os quilombos.

A provável suavização de representações ligadas à resistência negra, como os terreiros de candomblé e as figuras históricas de mulheres quilombolas, como Aqualtune e Acotirene, em favor de narrativas que destacavam a criação de senzalas e representações folclóricas, pode ter sido um fator estratégico para garantir o apoio da maioria dos políticos da região, que não por isso, deixa de ser problemático.

Essa abordagem tende a reduzir a força simbólica da luta quilombola, transformando-a em algo mais aceitável para os padrões hegemônicos e preconceituosos

³⁴ idem

da época (e infelizmente, ainda atuais). Ao privilegiar aspectos culturais mais “neutros”, folclorizados ou que romantizaram a grande perversidade que foi a mestiçagem nos séculos de escravidão. Dessa forma, evitava-se confrontar diretamente os interesses de elites locais, preservando, assim, uma relação de conveniência política e histórica.

Um áudio de 1984, que se encontra do acervo digital do NEABI/UFAL, gravado um ano após a formulação do referido documento, registra uma reunião entre políticos locais do estado de Alagoas. Essa fonte oral oferece pistas valiosas sobre as expectativas desse grupo em relação ao tombamento da Serra da Barriga, e suas reflexões acerca da temática étnico-racial. Por meio dela, é possível identificar interesses políticos, econômicos e culturais associados ao processo de tombamento. Além de compreender como eles pretendiam usar a memória de Palmares para consolidar narrativas que pudessem alinhar-se aos seus objetivos e interesses, o áudio também revela se o tombamento visava resgatar e valorizar a resistência negra ou se estava mais direcionado a projetos que diluíssem esse protagonismo em favor de um discurso mais romântico que possibilitasse a exaltação da cidade de União dos Palmares.

Entretanto, o áudio não permite identificar exatamente todos os participantes, pois há muitas falas sobrepostas e poucos se apresentam antes de iniciar. Ainda assim, busca-se extrair o máximo de informações possíveis, garantindo que as palavras sejam transcritas com fidelidade ao que foi capturado na gravação, destacando as falas que discutem as questões levantadas acerca do documento discutido nesta parte do trabalho. Sendo assim, o pronunciamento de Manoel Gomes de Barros, ex-prefeito de União dos Palmares, oferece elucidações:

O movimento radicalizou tanto, que eu, deputado, quando na universidade de Alagoas, o reitor João Azevedo promoveu um seminário sobre Movimento Negro e não fui convidado. E eu não poderia falar porque todo branco que falava levava vaia. [...] Sem as autoridades nada anda[...] Fomos rechaçados e incompreendidos, então naturalmente o movimento esfriou³⁵.

É possível, que Manoel Gomes estivesse se referindo ao I Simpósio Nacional sobre o Quilombo do Palmares de 1981, onde sabe-se, através do relatório produzido pelo SIAN, que os ditadores que foram convidados pela universidade e por órgãos dos Estado, foram vaiados. Dado o entendimento atual, é cabível refletir e questionar se as vaias foram proferidas pela tonalidade da pele, ou pela representação que tinham os militares no ano de 1981, período em que ocorreu o evento.

³⁵ ACERVO NEABI-UFAL(áudio em fita k7). Reunião entre políticos e professores do estado de Alagoas acerca do Tombamento da Serra, 1984.

A segunda fala que se destaca, é provavelmente de Valdemar Peixoto, pois em alguns momento eles voltam a falar, e se referem a ele por seu nome ou apelido. Ele diz:

Aquele movimento feito pelos negros naquela época foi um ato indigno e deplorável, inclusive, o Zezito Araújo, o Zito, com sua equipe reconheciam justamente esses atos. Agora, o que devemos entender é que movimento é nosso, de União dos Palmares, essas questões dos negros, eu posso dizer, podemos deixar a “qua” (sic), a margem, a parte, por que a história é nossa, se eles vieram aqui com o propósito, numa expressão bem clara, de esculhambar ou humilhar nosso trabalho coloquemos de fora! Por que acima de tudo está o valor histórico, o valor turístico [...] ³⁶.

Em ambas as falas é posto um incômodo com o MN que estava organizando o Memorial Zumbi, a partir de algumas reflexões aqui postas, já se sabe os “porquês”. Trata-se de uma tentativa de apropriação da história do Quilombo dos Palmares, instrumentalizando o tombamento da Serra da Barriga para atender aos interesses individuais de determinados políticos. Essa estratégia reflete a hipótese de um possível distanciamento das discussões mais sensíveis, especialmente aquelas que desafiavam, de alguma forma, a estrutura racista ainda vigente na época. Um problema que, infelizmente, permanece atual. Algumas mulheres, professores envolvidas nas discussões acerca do Quilombo dos Palmares, também participaram da reunião, uma delas foi Professora Salomé, do Santa Maria Madalena:

Um dos negros me disse que estávamos agora com muita pose, mas quando eles tomassem conta da cidade eles veriam o que aconteceria conosco[...] Inclusive eles tentaram tirar 2 meninos que (inaudível) um que estava representando Domingos Jorge Velho e outro que representava Bernardo Vieira de Melo [...] Temos o Projeto União e o Projeto Palmares, que é um projeto desenvolvido pelo Neabi. [...] Mas temos o projeto de Edson Moreira que foi feito junto à secretaria de educação [...] ³⁷.

É pontuado durante as discussões, que o prefeito de União dos Palmares, fez a entrega do Projeto União à ministra da educação da época, Esther de Figueiredo Ferraz. Seguindo aos pontos destacados no áudio, os organizadores chamam a professora Maria Gorete Vilela como representante dos negros, e em sua fala ela destaca:

Soubemos tratar os negros, mas eles não souberam nos tratar, mas os negros não conseguirão fazer nada sem brancos.[...] Nós pintamos os meninos mulatos do Maria Madalena, por que não achamos pretos no colégio que quisessem assumir

³⁶idem

³⁷ idem

essa identidade [...]. Mas, as meninas eram escuras, não foram pintadas, somente Zumbi.³⁸

Além disso, afirma que não há brancos no Brasil, apenas mestiços, tampouco preconceitos. Segundo os relatos, aconteceu uma apresentação teatral, que foi organizada pelas professoras citadas, na qual, alunos foram pintados de preto para interpretar Zumbi e outros alunos interpretavam Domingos Jorge Velho e Bernardo Vieira de Melo, líderes das tropas que invadiram o Quilombo dos Palmares. E essa “apresentação” causou alvoroço entre os integrantes do MN que estavam organizando o Projeto Memorial Zumbi, descrito como “negros que vieram de fora”. A citação de Zezito de Araújo, tanto no documento do Projeto União quanto na fala de Valdemar Peixoto, pode significar uma possível aproximação dele com esses organizadores e políticos, nesse sentido as fontes deixam questões em aberto, das quais esse trabalho não dará conta de responder, visto que a ACZ e o Memorial Zumbi eram contrários a essas ideias e Araújo integrava ativamente esses dois grupos.

Contudo, comprova-se o racismo enraizado nas elites locais, que acaba por aglutinar ideais que não representavam boa parte do Movimento Social Negro contemporâneo. Romantizando, folclorizando e tentando esvaziar a representação do Quilombo dos Palmares e sua ligação intrínseca com a população negra e luta por uma verdadeira liberdade. Ao tentar transformar Palmares em um símbolo genérico e despolitizado, essas elites desviaram o foco da resistência negra e da centralidade dos quilombos como espaços de enfrentamento ao sistema escravista e à opressão racial, reforçando uma narrativa mais interessante aos seus próprios interesses.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento Social Negro Contemporâneo Nacional participou ativamente da construção do Memorial Zumbi e do processo de tombamento da Serra da Barriga em 1985, que se tornou o segundo bem não branco tombado pelo Estado brasileiro³⁹. A Associação Cultural Zumbi, composta por alagoanos, representou os interesses do Movimento Negro, pavimentando, com sua luta e militância política, essa importante conquista. A perseguição de agentes do governo federal, comprovada por relatórios

³⁸ Idem

³⁹ O Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador (BA), foi reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro e inscrito nos livros do Tombo Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, tombado pelo IPHAN em 1984.

produzidos pelo SIAN, demonstra que, mesmo em um período de reabertura política, havia uma necessidade de controlar e monitorar esse movimento.

A formulação de outras propostas para o tombamento da Serra da Barriga, muitas vezes ancoradas em projetos que aprisionavam a população negra no período escravocrata ou em representações folclóricas, reflete teorias impregnadas no imaginário social a alguns séculos. O cruzamento de fontes, como o Projeto União e o áudio gravado em 1983, durante uma reunião de políticos locais, revela as disputas históricas em torno da representação do Quilombo dos Palmares.

Ainda assim, o desejo de transformar um dos principais mocambos palmarinos em um espaço de salvaguarda da memória negra tornou o processo de tombamento da Serra um símbolo de união para o Movimento Negro. Esse esforço congregou grupos como Ilê Aiyê, líderes do movimento indígena, como Ailton Krenak, e figuras de destaque, como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Clóvis Moura e outros, consolidando também a atuação da Associação Cultural Zumbi. A partir desse processo, a ACZ passou a trabalhar por diversas causas em prol da igualdade racial em Alagoas e no Brasil.

Como relata Joel Rufino dos Santos, o Memorial Zumbi cresceu na medida em que ganhou apoio e participação de grupos dos mais diversos segmentos da sociedade. Segundo ele, para compor a diretoria do Memorial: “Juntaram-se pessoas do extremo Sul do país (Rio Grande do Sul); do extremo Norte (Amazonas, Pará, Maranhão); do Nordeste e, aliás, sobretudo do Nordeste; do Centro-Oeste e Sudeste (Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)” (Rufino, 1989, s.p). Além disso, a prática das peregrinações à Serra da Barriga, realizadas anualmente no dia 20 de novembro, tornou-se uma concretização dos objetivos do Movimento Negro e da Associação Cultural Zumbi, fortalecendo a celebração da memória e da resistência negra: “Somente em 2007 o Parque Memorial Quilombo dos Palmares foi inaugurado. Além do título de Patrimônio Nacional(1985), a serra é também Patrimônio Cultural do Mercosul (2017).” (Marques; Correia,2022 p.32)

Os desafios enfrentados ao longo desse processo incluem as disputas históricas que surgiram à medida que o Movimento Negro buscava apropriar-se de sua própria história. Felizmente, a realidade atual do Parque Memorial Quilombo dos Palmares representa uma vitória para aqueles e aquelas que construíram o Memorial Zumbi e trabalharam pela

valorização dessa história viva. Portanto, o Quilombo dos Palmares foi um espaço que existiu e resistiu ao sistema colonial a custo de muitas lutas e sacrifícios. Da mesma forma, a criação de um espaço para preservar essa memória enfrentou tensões e desafios, reafirmando que o ato de lembrar e celebrar é, também, um ato de resistência.

6. REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

AMATO, Gabriel. **"Aula prática de Brasil": ditadura, estudantes universitários e imaginário nacionalista no Projeto Rondon (1967-1985)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/47334/1/AMATO%2C%20Gabriel.%20Aula%20pr%C3%A1tica%20de%20Brasil%20-%20ditadura%2C%20estudantes%20universit%C3%A1rios%20e%20imagin%C3%A1rio%20nacionalista%20no%20Projeto%20Rondon.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024.

ANDREWS, George Reid. Mobilização política negra no Brasil, 1975-1990. *História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 63, n.2, p. 13-39, jul./dez. 2015. Tradução de “Black Political Mobilization in Brazil, 1975-1990,” em George Reid Andrews e Herrick Chapman, eds., *The Social Construction of Democracy, 1870-1990* (Nova York, 1995), © New York University 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/46701/28019>. Acesso em: 20 de Set. 2024.

FREIBERGER, Rafaela Mateus Antunes dos Santos. **“Integrar para não entregar”: a atuação das juventudes no Projeto Rondon (1967-1969)**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. Anais... Brasília: ANPUH, 2017. p. 1-10. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502674747_ARQUIVO_Textocompleto-RafaelaMateusAntunesdosSantosFreiberger.pdf. Acesso em: 1 jul. 2024. Acesso em: 28 de Set. 2024.

BARBOSA, Vanda Maria Menezes. Vanda Maria Menezes Barbosa (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 35min).

BARBOSA, Gustavo, 2023, **DIVERTIMENTO, DISTÚRBIOS E TRABALHO INCERTO: a população negra e a imputação da vadiagem em Alagoas (1878-1911)**. Maceió-AL: [s. n.], 2023. 15 p. Disponível em: <https://www.copenenordeste2023.abpn.org.br/anais/trabalhos/lista>. Acesso em: 3 maio 2024.

BARBOSA, Muryatan S. **O TEN e a negritude francófona no Brasil**. Scielo Brazil: Recepção e inovações, v. 28, p. 346-374, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BARROS, José A. B. **Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica**. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 63, n. 2, p. 13-39, jul./dez. 2015. Editora UFPR.

BEZERRA, Edson José de Gouveia . **Manifesto Sururu**. *Jornal Tribuna de Alagoas*, Alagoas, p. 5 - 7, 12 jul. 2004.

BRASIL.Fundação Cultural Palmares.Mês da Consciência Negra mobiliza o país! O ponto alto das celebrações é em Alagoas, sede do Parque Quilombo dos Palmares. [Brasília]: , 01 nov. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/mes-da-consciencia-negra-mobiliza-o-pais>. Acesso em: 25 de nov. 2024.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo:T. A Queiroz, 1979.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O grupo Palmares (1971-1978) : um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2360>. Acesso em 14 de jul. 2024.

DOMINGUES, P. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, p. 517–534, dez. 2008.

DOMINGUES, P. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Tempo*, v. 12, n. 23, p. 100–122, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. **Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil**. *Cadernos Pagu* (28), Campinas, p. 345-374, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100015>. Acesso em: 26 jun. 2024.

DIÉGUES JR., Manuel. **O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional**. 3 ed. Maceió: UFAL, 2006.

DIAS, GABRIELA. “Os negros na História de Alagoas”: um estudo da obra de Alfredo Brandão (1930-1950). XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PE, [s. l.], 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.pe.anpuh.org/resources/anais/8/1535658511_ARQUIVO_osnegrosnahistoriadealagoasumestudodaobraAB.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: Uma História do Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero. 1982.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

SANTOS, Joel. **Memorial Zumbi - Conquista do movimento negro**, [s. l.], p. S.P, 2008. Disponível em: <https://joelrufinodossantos.com.br/paginas/artigos/memorial-zumbi-conquista-do-movimento-negro.asp>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SANTOS, Joel Rufino dos; BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Movimento negro e crise brasileira, atrás do muro da noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras**. Brasília: Ministério da Cultura/ Fundação Cultural Palmares, 1994.

KÖSSLING, Karin. **As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)**. Dissertação (Mestrado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01112007-142119/pt-br.php> . Acesso em: 10 de jul. 2024.

MARQUES, D. As Memórias do Quilombo dos Palmares nas Alagoas Oitocentista. [s.l: s.n.]. Disponível em: https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/31/1402420410_ARQUIVO_ANPUHSCAsMemoriasdoQuilombodosPalmaresnasAlagoasOitocentista.pdf. Acesso em: 06 de jun. 2014.

MARQUES, . L.; LIMA DA SILVA CORREIA, . L. O Movimento Negro, o NEABI/UFAL e a implementação do Programa de Políticas de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Alagoas (2003-2022). **Escritas do Tempo**, [S. l.], v. 4, n. 10, p. 23–45, 2022. DOI: 10.47694/issn.2674-7758.v4.i10.2022.2345. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1837>. Acesso em: 10 maio 2024.

MORAIS, Bertrand. O Quilombo Real do professor Edson Moreira. *Revista Alagoana*, Maceió, 19 jan. 2024. Disponível em: <https://revistaalagoana.com/o-quilombo-real-do-professor-edson-moreira/> Acesso: 20 nov. 2024.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. **A Descolonização da África: Nacionalismo e Socialismo**. Sankofa, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 117-140, maio 2019.

PEREIRA, Amílcar A. **“O mundo negro”: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PINTO, Ana F.. 1960-1970: **Grupo Palmares De Porto Alegre E A Afirmação Do Da Da Consciência Negra**. Google Arts e Culture, 2020. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/BgXRJajmcizKA?hl=pt-BR>. Acesso em: 20 maio 2024.

LUCA, Tania Regina. Fontes impressas: **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: .PINSKY. Carla Bassanezi (org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, 1- 302p.

Portelli, A., Janine Ribeiro, T. M. T., & Ribeiro Fenelón, R. T. D. (2012). O QUE FAZ A HISTÓRIA ORAL DIFERENTE. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 14. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>. Acesso em 11 de out. 2024.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O Movimento Negro e a crise brasileira. Política e Administração**, v. 2, p. 287-307, jul./set. 1985.

FRANCO, Irinéia M. Zezito de Araújo: “O Movimento Negro em Alagoas: Militância e História”. Sankofa (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 4, n. 7, p. 107–114, 2011. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2011.88799. Disponível em: <https://revistas.usp.br/sankofa/article/view/88799>.. Acesso em: 16 fev. 2024.

SILVA, J. S. da. **O que restou é Folclore: o negro na historiografia alagoana**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3557> . Acesso em: 10 de jun. 2024.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o passado: poder e a produção da história; tradução de Sebastião Nascimento. – Curitiba: huya, 2016. 272p.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial**. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 6-39, jan./jul. 2019. Tradução de Daniele da Silva Proença, Andrea Cristiane Kahmann e Márcia Rodrigues Bertoldi.

Fontes:

Acervo NEABI/UFAL(áudio em fita k7). Reunião entre políticos e professores do estado de Alagoas acerca do Tombamento da Serra, 1984.

Acervo NEABI/UFAL(documento). Projeto União. Caixa 06, 65 páginas.

Gazeta de Alagoas.Projeto vai exaltar o quilombo dos Palmares,13/07/1983.

Correio Brasiliense.Memorial para Zumbi.Brasília 28/11/1981.

BRASIL.Sistema de Informações do Arquivo Nacional.SIAN
BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos
palmares_1981

Acervo NEABI/UFAL (folheto). Associação Cultural Zumbi: liberdade e democracia racial.
Maceió-AL, 4 páginas.

7. ANEXOS

28 VARIEDADES Brasília, terça-feira, 28 de outubro de 1980

CORREIO BRAZILIENSE

Memorial para Zumbi

A idéia antiga de se restaurar a memória de Zumbi finalmente vai ser concretizada. E os primeiros passos para o desencadeamento do processo já foram dados pela Ufal (Universidade Federal de Alagoas), em conjunto com a comunidade negra daquele Estado e de outras unidades da Federação, apoiados por entidades vinculadas ao MEC (Capes e Fundação Nacional Pró-Memória). Trata-se do projeto Memorial Zumbi, cuja discussão e elaboração estará a cargo de um Conselho Geral que será eleito no dia 20 de novembro, em Maceió, quando todas as comunidades negras do País, bem como todas as pessoas engajadas na causa negra estarão promovendo um encontro de caráter nacional.

A convocação para o encontro em Maceió, quando serão eleitos os membros do Conselho Geral que se encarregará da elaboração do projeto e dos estudos de sua viabilidade, foi decidido por uma comissão plenária composta por representantes de várias comunidades negras, em Brasília. Entretanto, segundo explicam os membros da comissão, tudo partiu de um seminário realizado em agosto, na capital alagoana. "Na época, as reuniões plenárias aprovaram resoluções que visavam à criação do Parque Histórico Nacional de Zumbi. E o reitor da Ufal, João Azevedo, tentou levar a idéia adiante", explicam eles.

Mas a idéia da criação de um parque foi logo mudada, por sugestão dos membros da comunidade negra de Alagoas, pois eles acharam que o nome "Parque" poderia distorcer totalmente os objetivos de que deveria ser um verdadeiro pólo de uma cultura de libertação do negro. Então, o projeto passou a ser Memorial Zumbi, a ser desenvolvido na Serra da Barriga, no município de União dos Palmares, local do histórico Quilombo dos Palmares.

Quando o reitor da Ufal procurou a Fundação Nacional Pró-Memória em Brasília, visando tratar do assunto, ouviu a seguinte observação: Para a Fundação o desenvolvimento do projeto só faria sentido na medida em que englobasse todas as comunidades interessadas. A partir daí, a idéia ganhou maior amplitude, com os principais representantes participando da discussão e dos preparativos para o encontro de

novembro. Existe a preocupação, como informam os membros da comissão plenária que se reuniu em Brasília, de transformar o Memorial Zumbi num pólo vivo que possa integrar todas as comunidades e funcionar ainda como um centro de informação, documentação e divulgação popular e acadêmica.

CONSELHO

Estes objetivos são parte de uma série de resoluções tomadas no seminário de agosto, em Alagoas. E entre eles está a composição do Conselho Geral: dois terços de representantes de movimentos negros no Brasil e o terço restante, constituído de entidades organizadoras, como a Universidade Federal de Alagoas, a Fundação Nacional Pró-Memória e a Capes. Ainda no mesmo terço deverá estar um representante da própria região da Serra da Barriga e outro específico da comunidade negra de Maceió. A comissão encarregada de convocar o Conselho Geral foi instituída nessa mesma época, e será extinta tão logo seja formado o Conselho.

O encontro de Maceió em novembro, do qual sairá o Conselho Geral, tem uma razão muito especial na escolha da data: a 20 de novembro se comemora há mais de 50 anos o "Dia da consciência negra", quando é lembrado nacionalmente o aniversário da morte de Zumbi. Depois de eleito, o Conselho Geral então passará a discutir o anteprojeto do memorial e outras propostas de sua viabilidade. "É nosso objetivo divulgar ao máximo esse encontro", afirma Dulce

Maria, da comissão plenária. A seu ver é fundamental a participação de todos. A começar pelas entidades ligadas a movimentos negros e pessoas que tenham trabalhos consequentes em relação à situação do negro e de seus descendentes no Brasil. "A comunidade em geral deve participar, deve levar sugestões", diz ela.

Na opinião dos membros da comissão há muita dificuldade para divulgação dos encontros que se tem realizado neste sentido, por parte dos meios de comunicação. "Existe até mesmo uma manipulação das informações", observa Dulce, acrescentando:

— Parece que há um interesse do governo em manipular os dados referentes à realidade do negro no País. Esta manipulação ocorre também em cima dos movimentos e somente têm o objetivo de promover a política governamental, diz ela.

De acordo com os membros da comissão a perspectiva em torno do projeto é crescente, entre as comunidades. "Em Alagoas, diz Max Luterma, estamos encontrando um apoio muito grande por parte dos órgãos governamentais. Foi importante a idéia da Pró-Memória, de abrir a participação às comunidades em geral. E já estamos sentindo que a idéia da elaboração do projeto é uma experiência nova, já é a restauração de Zumbi. Há no momento uma aglutinação de forças".

Como informa Max é intenção da Ufal promover não só a integração das várias comunidades local e nacional mas in-

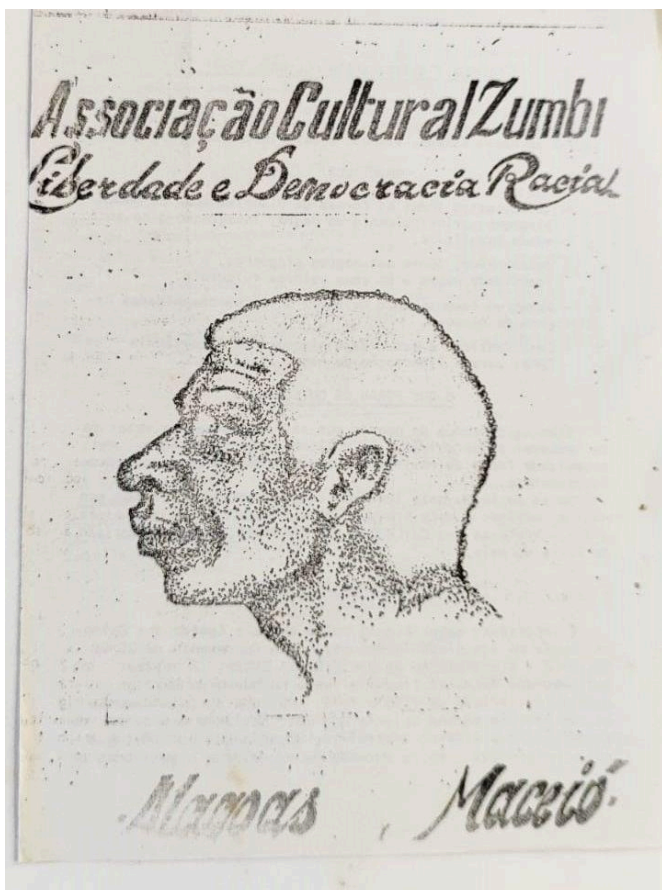
tegrar também a própria universidade, através da Faculdade de Arquitetura, na viabilização do projeto. E embora muita coisa entrará em discussão apenas quando o Conselho Geral for eleito, a comissão garante que o projeto será elaborado à medida que a idéia for levada à frente. "É um projeto vivo", lembra Luterma.

Outros objetivos do Memorial Zumbi: "promover humana e socialmente as massas de origem africana e de todos os segmentos oprimidos do país; exigir a devolução à comunidade afro-brasileira da riqueza que ela criou e que lhe foi usurpada; resgatar a memória de Palmares e da comunidade afro-brasileira como base de luta; exigir do sistema oficial de ensino a correção dos currículos escolares, omissos e injustos com a comunidade afro-brasileira; constituir-se em um ponto de concentração dos movimentos negros do país e do exterior; constituir um tribunal anti-racista para julgamento dos casos de discriminação; fazer respeitar as religiões afro-brasileiras; promover a participação do negro em todos os níveis de decisão do País; resguardar juridicamente os direitos humanos da comunidade afro-brasileira, tais como: posse da terra, integridade física e oportunidade de emprego; solidarizar-se com todos os movimentos negros internacionais, assim como os de todos os povos oprimidos; reconhecer, em especial, o papel e os direitos da mulher negra; exigir o reconhecimento dos direitos do menor abandonado, em sua maioria, negro."

A Comissão reunida em Brasília decidiu a convocação de um Conselho Geral



Correio Brasiliense.Memorial para Zumbi.Brasília 28/11/1981.



Acervo NEABI/UFAL (Capa do folheto). Associação Cultural Zumbi: liberdade e democracia racial. Maceió-AL, 4 páginas.